

MARCOS ANDRÉ FERNANDES CRUZ

**O FUTEBOL E A PARCIALIDADE NOS MEIOS DE
COMUNICAÇÃO**

ECO/UFRJ

2004

O futebol e a parcialidade nos meios de comunicação

Marcos André Fernandes Cruz

100109863

Projeto Experimental
em Jornalismo / UFRJ

Orientador:
Prof. Micael Herschmann

Rio de Janeiro

2004

O futebol e a parcialidade nos meios de comunicação

Marcos André Fernandes Cruz

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à graduação.

Aprovada por:

Prof. _____ - Orientador

Prof. _____

Prof. _____

Rio de Janeiro

2004

CRUZ, Marcos André Fernandes. O futebol e a parcialidade nos meios de comunicação
Rio de Janeiro: UFRJ; ECO, 2.sem. 2004, 54 fl. Projeto Experimental do Curso de
Comunicação Social.

Este trabalho tem por objetivo discutir os caminhos traçados pela imprensa esportiva, com especial enfoque ao futebol, analisando as origens da paixão que tal esporte desperta no brasileiro e a importância de uma correta articulação entre emoção e isenção por parte dos meios de comunicação. É uma análise do surgimento e do desenvolvimento da imprensa esportiva, passando pela extraordinária importância que o futebol adquiriu no seio da população nacional. O trabalho ora apresentado é embasado em estudos anteriores, depoimentos de jornalistas, análise de periódicos e programas esportivos de rádio e de televisão.

Aos meus pais, Manoel e Helena, por todo o amor recebido

Ao meu orientador Micael Herschmann, por toda atenção e auxílio

Ao Márcio Guerra, sempre imediatamente solícito com todos os
meus pedidos de ajuda

Ao futebol e a todos os que fazem parte deste espetáculo que
desperta tantas paixões

SUMÁRIO

- 1) INTRODUÇÃO
- 2) A PAIXÃO PELA BOLA
- 3) O TORCEDOR
- 4) O JORNALISMO ESPORTIVO
 - 4.1. **O início: a importância do rádio**
 - 4.2. **A evolução do jornalismo esportivo impresso**
 - 4.3. **A televisão, enfim, mostra a sua força**
 - 4.4. **Particularidades**
- 5) EMOÇÃO E PARCIALIDADE
- 6) CONCLUSÃO

1) Introdução

A informação possui vários nichos e áreas de influência. Entretanto, nenhuma é tão particular como o noticiário esportivo, seja ele via rádio, televisão, internet, revista ou periódico.

Uma das características que tornam tal segmento tão distinto é o fator emocional. Enquanto nos demais tipos de texto existe uma procura natural pela imparcialidade, isenção e distanciamento, o mesmo não se pode dizer do texto esportivo. A emoção, ao contrário, é parte fundamental do mesmo. O que seria da transmissão esportiva sem a emoção? Nos áureos tempos do rádio, quando não havia televisão, ou quando essa era privilégio de poucos, a emoção transmitida pelo locutor era essencial. O ouvinte, ausente do espetáculo futebolístico, deveria sentir na pele todas as sensações que determinada partida pudesse transmitir. Era um processo praticamente sinestésico. Imagine o seu time assegurando o título de um campeonato durante os minutos finais de jogo através de uma narração de gol pífia e melancólica, sem a mínima emoção - disfarçada ou não - do narrador da partida.

Visto então que a emoção constitui uma parte intrínseca à própria notícia esportiva, nos deparamos então com uma outra questão: a tênue linha que separa emoção de parcialidade. Logicamente, não podemos - e não queremos - esperar de um narrador esportivo, imparcialidade durante uma final de Copa do Mundo disputada entre Brasil e Argentina. Contudo, em um microcosmo regional, emoções exacerbadas ou opiniões tendenciosas podem ser bastante mal interpretadas por uma população na qual o futebol exerce papel tão significativo quanto a brasileira.

A problematização de tal assunto é um tanto quanto complexa. Senão vejamos: para não cairmos em uma generalização perigosa, consideremos que a esmagadora maioria dos que atuam neste segmento jornalístico esportivo estejam dentro daquele subgrupo no qual eu próprio me incluo: o dos torcedores, participativos e apaixonados. Nesse contexto, como se dá a separação das esferas profissional e pessoal? É possível uma total isenção? E se possível, seria essa sempre desejável? Sim, porque há aqueles tão

identificados com seus próprios clubes, que acabam se tornando ponto de referência para os torcedores dos mesmos (exemplos não faltam). E ainda: o sensacionalismo e a parcialidade em favor daqueles clubes de maior torcida. Ao contrário de um crime hediondo, por exemplo, cuja veiculação na mídia produz efeitos mais ou menos semelhantes nas pessoas, a vitória de um time, ao implicar a derrota de outro, traz percepções antagonicamente diferentes. Se por um lado, existe a busca por se alcançar o maior público possível – no caso a torcida do clube de maior aceitação popular, por outro há a questão do mérito jornalístico: não se deveria conceder a mesma atenção, o mesmo esmero e, principalmente, o mesmo espaço e visibilidade aos clubes que, de um modo geral, vêm se destacando no quesito que realmente interessa, o futebol?

Atualmente, há uma busca cada vez maior por transparência no jornalismo esportivo, em muito devido e alavancado por denúncias, CPIs e algumas ótimas reportagens investigativas. Sobretudo na imprensa esportiva paulista, tal tendência pode ser melhor observada.

Isso nos leva a destavar a importância desta temática. Apesar de o jornalismo esportivo ganhar cada vez mais reconhecimento, alguns vícios ainda permanecem. Logicamente, falhas existem em qualquer lugar e nenhum segmento jornalístico está imune a elas. O que se pretende aqui é tão somente reconhecer a sua existência como primeiro passo para que se possa combatê-las e, por que não, saná-las.

O presente estudo visa examinar também as seguintes questões: a isenção é possível? E se não for, haveria uma afetação significativa no fazer jornalístico? Há uma efetiva imparcialidade nos diários impressos esportivos, em especial os do Rio de Janeiro? O sensacionalismo é uma ferramenta comum para atrair e manter determinado público? De que forma ele é usado pelos veículos de comunicação? Há, enfim, favorecimento de determinados grupos, em detrimento de outros? Até que ponto isso é necessário, natural ou prejudicial?

De fato, a tentação de ser parcial é poderosa, podendo ser às vezes até inconsciente. Como vascaíno, surpreendi-me em diversas ocasiões procurando dar um enfoque que engrandecesse o meu clube, em detrimento de outros como o Flamengo, o qual, em virtude de sua grande torcida, considero ser bastante “auxiliado” pela imprensa esportiva. Se isso ocorre em um trabalho que visa analisar a parcialidade na imprensa

esportiva, não fica difícil compreender a sua existência factual, o que, entretanto, de forma alguma a justifica.

O projeto foi baseado, em um primeiro momento, na coleta e exame de trabalhos já anteriormente realizados que, de alguma forma, mostrassem relação com o tema. Aliaram-se a isso entrevistas com profissionais da área e um desdobramento natural do que venho fazendo desde muito cedo, quando ainda não tinha nenhuma pretensão acadêmica, acompanhando noticiários esportivos por rádio, jornal e TV.

A estruturação do trabalho atende também a uma perspectiva histórica, que remonta ao fascínio que o futebol desperta nas pessoas, passando rapidamente às formas com as quais o Brasil incorporou o esporte, uma vez que penso ser impossível entender determinado segmento jornalístico sem compreender seu objeto. Em seguida, acompanho a evolução do jornalismo esportivo nacional, suas particularidades e, enfim, seus pontos polêmicos, aqueles que geram algumas das críticas feitas ao mesmo.

Anexos, apenas quatro. O primeiro consiste tão somente em um texto muito bem escrito pelo botafoquense João Moreira Salles, cujo lirismo expressa de forma impressionante o universo e as sensações do torcedor de futebol, público-alvo da imprensa esportiva, apesar de não ter, em princípio, função acadêmica. O segundo é um trabalho do jornalista Márcio Guerra, uma narrativa bastante interessante que olha a “parcialidade” sob um novo viés, mostrando que a questão permanece longe de estar fechada, como de fato deve ser. O mesmo Márcio Guerra está no anexo de número 3, em uma pequena entrevista. Por último, um texto apresentado em 2000 na Universidade Federal da Bahia, de autoria do inglês Kevin Foster, que fala das articulações sociais que o futebol travou tanto no Brasil como na Inglaterra.

Finalmente, o motivo pelo qual escolhi tal projeto é o fato de eu mesmo me enquadrar entre esse mesmo contingente de pessoas fanáticas e apaixonadas pelo tema, a ponto de festejar como se o dia no qual o meu time conquista o campeonato fosse o último da minha vida. Ou de voltar às raízes da evolução humana, nas quais o contato pessoal e a verbalização ainda eram desconhecidos, quando o meu time perde para o seu maior rival. Para essas pessoas, tão impenscindível quanto a emoção é a isenção no jornalismo esportivo. A esperança de uma melhor articulação entre ambos é o que impulsiona este trabalho.

2) A paixão pela “bola”

Como bem observa a jornalista Andréia Barros Costa, a atração do homem por objetos redondos é bastante antiga e, segundo os historiadores, remonta a pré-história. Frutas, pedras e até crânios: tudo era chutado como forma de “diversão” pelos homens das cavernas.

Tais origens estariam situadas entre os maias, que praticavam o jogo com a cabeça dos adversários derrotados; ou entre os egípcios, que se divertiam com a brincadeira na qual tinham que chutar uma bola; e talvez, até mesmo na China, onde existiam indícios de um jogo muito parecido com o futebol moderno. Também levantam a possibilidade de ele ter sido praticado em Roma, quando assumiu uma forma muito violenta, da qual freqüentemente os praticantes saíam feridos (CARRANO, 2000, p.13).

Creio que afirmar que o futebol é uma evolução desses esportes é equivocado. O que se pretende aqui é, através da comparação com outras formas de práticas análogas, compreender o fascínio que o mesmo exerce nas pessoas, de um modo geral.

De qualquer forma, o futebol, tal como o conhecemos hoje, surgiu na Inglaterra, tendo sido regulamentado em 1863, com a fundação da *The Football Association*, a qual foi responsável pelo estabelecimento das primeiras regras. Trinta e um anos depois, o *football* desembarcaria no Brasil, trazido pelo estudante inglês Charles Müller. Em 1895, os sócios do *São Paulo Athletic Club* já realizavam as primeiras partidas. No Rio de Janeiro, os primeiros times de futebol foram o *Paysandu* e o niteroiense *Athletic*

Association. As primeiras ligas foram fundadas no início do século: em 1902, surge a Liga Paulista de Futebol e, em 1914, a Liga Carioca de Futebol. A partir daí, são realizados os primeiros campeonatos, e o futebol no Brasil vai ganhando força, culminando com a construção, em 1950, do então maior estádio do mundo, o Maracanã, erguido “para exaltar o amor do brasileiro pelo futebol”, nos dizeres de Mário Filho. No mesmo ano sediamos a Copa do Mundo, de lembranças um tanto quanto amargas. Começava a se desenhar aí o “país do futebol”.

Esse conceito veio acompanhado por vários outros, os quais nem sempre têm conotações positivas, como o que diz que “o futebol é o ópio do povo”. Tal frase, já tão batida entre nós, apresenta uma visão simplista e reduzida do esporte sobre o qual nos debruçamos, carregada da idéia de ser o futebol um artifício para a padronização e para a conformação das massas. Todavia, um povo sofrido como o nosso, em um Brasil que chega perto de duzentos milhões de habitantes, necessita de formas catárticas de dar vazão às agruras do seu dia-a-dia. Isso explica porque a grande maioria de nossos “heróis” tem alguma relação com o contexto esportivo – o que também guarda relação com outros fatores, como direcionamento da mídia, alienação popular, prioridades equivocadas desviadas de segmentos teoricamente mais nobres e importantes, que, entretanto, não são pertinentes ao presente estudo.

Não é o caso, no entanto, de dizer que o futebol é objeto de apreciação apenas para as classes menos abastadas. E aí aponta-se outra função social do futebol: ele não distingue classe social. Nos estádios, amizades são feitas em questão de segundos. No momento de algum gol, desconhecidos se abraçam e trocam palavras como se fossem velhos amigos. Por breves momentos, não há lugar para discriminação. Todos são iguais. Em um país onde a pluralidade serve de pretexto para mascarar os sentimentos de preconceito e intolerância, o futebol vem provar que uma convivência harmoniosa é, de fato, possível.

Contudo, essa condição de igualdade nem sempre foi percebida. Na realidade, o escritor Leonardo de Miranda Pereira cita uma análise feita pelo sociólogo Joel Rufino dos Santos, segundo a qual o futebol teria sido o “*resultado da intervenção, dos padrões e do poder público*” (PEREIRA, 2000, p.203). A cidade de São Paulo, recém-industrializada, já mostrava os sinais dos choques de classes, traduzido na luta entre

burguesia e operariado. Nesse contexto, os patrões incentivavam os trabalhadores a jogar futebol, visto como um elemento disciplinador. Já os motivos que levaram o governo a incentivar a prática no Rio de Janeiro foram diferentes. A capital da malandragem estava em um momento fértil de rebeliões, como a Revolta da Vacina, em 1904, e manifestações físicas como a capoeira eram mal-vistas pela Administração, sendo culpadas inclusive pelo clima de tensão da época. Com isso, o futebol acabou sendo uma opção viável para desviar as atenções da população de tais práticas.

O que em São Paulo seria um esporte que, patrocinado pelos industriais, equivaleria a um ensinamento de disciplina e de harmonia, assumia, assim, no Rio de Janeiro, a feição de um poderoso instrumento da alienação, capaz de distrair os trabalhadores de seus problemas e dificuldades (Ibid., p.202).

No início do século XX, então, o futebol era encarado como um instrumento de “adestração” popular que salvaguardasse a sua conformidade com o momento social e político que o país atravessava. Era, segundo Andréia Barros Costa, um adestramento “físico e moral do povo pelas elites”, as quais demonstraram grande resistência à prática do futebol pelas classes menos favorecidas. Foi a absorção do futebol pelas camadas populares, no entanto, que fez com que o nosso futebol se separasse do estilo original, tornando-o o esporte brasileiro por excelência. Como escreveu Carrano, ao versar sobre o trânsito cultural entre as diferentes classes sociais, “qualquer relação de dominação pressupõe uma resistência por parte do dominado, que nunca é completamente dominado, mas devolve ao dominador influências que acabam por reorientar os sentidos originais”. Em um país recém liberto da escravidão, o futebol era um presságio para a transcendência de uma liberdade meramente teórica para uma agora já pragmaticamente vislumbrável.

Outro ponto a se ressaltar é o fato de o favoritismo, ao contrário de outros esportes, ser mais reduzido. Nem sempre vence o melhor. Essa imprevisibilidade acabou também por fascinar o povo, que pode também almejar transcender sua condição social. É a simbologia do futebol reproduzindo caracteres sociais.

3) O torcedor

“O torcedor é um ponto de exclamação. É excessivo. Em períodos mais críticos, vive em estado de exaltação semiótica. Tudo significa. Ele tenta, penosamente, decifrar o sentido da temperatura ambiente, das condições do gramado, das cores da camisa do adversário, das iniciais do juiz. Nas horas mais desesperadas, vê augúrios no vôo dos pássaros e intenções na forma das nuvens.”

João Moreira Salles

Retomamos aqui a catarse advinda do futebol. Essa catarse, porém, não atinge a todos de modo igualitário, mas em especial, um classe bem identificável: o torcedor. Entendendo-se o torcedor, começa-se a entender as diferenças entre a produção textual esportiva e os demais tipos de textos jornalísticos.

O sentido literal do termo catarse é o de purgação, purificação. É, de fato, o que acontece em grandes jogos, por meio da liberação, brusca e intensa, de altas cargas de emoção. A catarse seria, então, reflexo e ratificação da paixão que o esporte desperta nas pessoas. Infelizmente, com frequência esse sentimento é externado com a violência nos estádios, resultando em tragédias não tão incomuns.

Há, ainda, o caráter da identidade promovida pelo futebol: a identidade nacional e a identidade interpessoal. Citando Da Matta, em seu estudo “A crise do futebol brasileiro e a pós-modernidade: perspectivas para o século XXI, Cesar Gordon e Ronaldo Helal dão a dimensão que tal identificação abrange, ao “somar Estado nacional e sociedade [...] e sentir a confiança na nossa capacidade como povo [...] que podia vencer como país moderno, que podia, também, cantar com orgulho seu hino e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional.” (DaMatta, 1994: 17).

A associação entre futebol e identidade nacional começa a ser conscientemente orquestrada a partir dos anos 30. Com o advento do Estado Novo, a política brasileira passa a ser mais centralizadora e preocupada com a idéia de integração entre as classes,

que se pretende realizada a partir da supervalorização de ideais nacionalistas. Surge, nessa época, a noção de “democracia racial” trazida pelo lançamento do livro *Casa Grande & Senzala*, do sociólogo Roberto Freyre, que marca uma ruptura com o pensamento anteriormente em voga segundo o qual a miscigenação era uma das principais fontes dos problemas nacionais. Para as teorias de Freyre, todavia, representa algo não só vantajoso, mas que torna o povo brasileiro ímpar frente aos demais. Esse pensamento cai como uma luva em relação aos anseios políticos de então e tem no futebol a demonstração de sua veracidade. Não à toa, os maiores discursos proferidos pelo presidente Getúlio Vargas aconteceram no estádio de São Januário, então o maior estádio do Rio de Janeiro.

A partir daí, ganha força a idéia do “jeito brasileiro” de se jogar futebol, advindo de uma interação harmoniosa entre os diferentes grupos constituintes da nossa nação - índios, negros, europeus. O Brasil seria, então, o país que conseguiu unir as diferenças étnicas e sociais, tirando delas o melhor proveito para o seu desenvolvimento. É o futebol mesclado a ginga do capoeira, o futebol-arte, termo usado até os dias de hoje. O brasileiro jogaria então como por música, tamanha a sua graciosidade e originalidade. O jornalista Mário Rodrigues Filho incorpora e difunde essa idéia em seu livro *O negro no futebol brasileiro*, que ressalta a importância do papel de negros e mestiços para a evolução do futebol no Brasil e a contribuição deste para a integração social nacional.

A euforia e o nacionalismo provocados pela paixão futebolística também foram instrumentos usados pelo regime militar, numa época em que o Brasil atravessava anos de otimismo exacerbado, impulsionados pela máquina de propaganda estatal, como atestam Gordon e Helal em seu anteriormente citado trabalho.

A propaganda oficial, estimulando o ufanismo, lançava lemas e palavras de ordem, tais como “Brasil, País do Futuro” e “Brasil, Ame-o ou Deixe-o”. O futebol, pela grande popularidade, era um meio eficaz para o governo transmitir suas mensagens. A principal delas: reforçar a idéia de um país integrado através do futebol. Uma marchinha veiculada em todos os meios de comunicação, nos

meses da Copa do Mundo, dizia: “noventa milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração [...] De repente é aquela corrente pra frente parece que todo o Brasil deu a mão. Todos unidos na mesma emoção, tudo é um só coração. Todos juntos vamos, pra frente Brasil, salve a Seleção”. (GORDON, 2002, p. 7)

A criação de uma maior identificação nacional não exclui, contudo, a identidade mais particular, no caso a clubística. Nação rubronegra e nação palmeirense, por exemplo, são expressões usadas no dia-a-dia esportivo que expressam muito bem essa identidade, esse sentimento que aglutina as pessoas em torno de algo comum. Esse sentimento de coletividade é mediado pelo “time do coração”. O pertencimento a uma coletividade é ainda ampliado em épocas de Copa do Mundo, não mais com o clube do coração, mas desta vez com a própria Seleção Brasileira. Uma Copa do Mundo é mais do que um campeonato, é mais do que o confronto entre times. É a oportunidade de descobrir a força do país, posto lado a lado com as maiores potências mundiais. O sucesso do Brasil em uma Copa é o sucesso do país como um todo. Para o povo, a diferença entre futebol e economia é tênue: não há diferença hierárquica. Não à toa os governos torcem por vitória brasileira em Copas do Mundo, e tal desejo vai além da paixão pelo futebol. Coincidentemente, ano de Copa do Mundo é também ano de eleição presidencial. O sucesso brasileiro nos gramados implica sucesso político, implica satisfação popular, implica continuidade da base governista. E a recíproca é verdadeira. Um desempenho pífio traz revolta, insatisfação, desejo de mudança, sentimentos não muito almejados por quem está no poder.

De fato, a relação entre futebol e identidade nacional é bastante complexa. Tal complexidade é maximizada pelo aparelho midiático, notadamente pelo tradicional discurso da imprensa esportiva, responsável por alavancar o ditado segundo o qual o Brasil seria o país do futebol. Provavelmente essa qualificação seja uma mera decorrência da forma com a qual o país incorporou o esporte. Como disse Gastaldo, “o futebol desempenha um importante papel, como princípio aglutinador do “povo brasileiro” na

sua constituição como nação”, ao lado de fenômenos como o Carnaval e as religiões afro-brasileiras, idéia inicialmente exposta pelo sociólogo Roberto da Matta, em 1982.

A globalização é também um forte fator para as mudanças de parâmetros no mundo do futebol, em especial o brasileiro, na medida em que a nossa “pátria de chuteiras” é antes uma representação social artificialmente construída que uma realidade evidente. Hoje, o futebol é um produto e, como tal, inserido em uma lógica capitalista, insere-se como objeto a ser consumido. Se a globalização traz, então, a fragmentação de identidades, a subdivisão das coletividades, o pertencimento de uma pessoa a um conceito tão amplo como nação acaba não sendo vantajoso para a construção mais eficiente de nichos bem definidos de mercado. Cabe reproduzir aqui a indagação feita por Gordon e Helal: “como o futebol poderá ser representado na sociedade brasileira se o importante não for mais juntar (negros com brancos, interior com capital, moderno com arcaico), mas separar (grupos étnicos, grupos religiosos, cidades com seus regionalismos particulares, bairros dentro de cidades, condomínios dentro de bairros, shoppings dentro de condomínios)?” Exalta-se, dessa forma, a diferença, a delimitação grupal por meio do consumismo. Da mesma forma, a imprensa esportiva acompanha essas tendências, direcionando-se a tais grupos de forma distinta e particular. De qualquer forma, a mitologia do futebol parece estar se esvaindo, o que é demonstrado pelo pensamento recorrente segundo o qual “o romantismo no futebol acabou”.

Fazem parte também dessa identificação regionalidades decorrentes de torcidas de diferentes clubes. Há um pertencimento social, formado por características diferenciadas, que demandam lealdade eterna a um clube determinado. *Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer*. O vínculo com o time do coração, como se diz, tem início desde cedo, o que pode ser mostrado pela expressão: “já nasci botafoguense”. De fato, é fruto quase sempre da influência familiar, de amigos ou, mais raro, por assistir a um jogo ou jogador quando criança. É, enfim, uma relação afetiva. Por isso, não se “vira casaca”, expressão utilizada para aqueles que mudam de time. O “vira-casaca”, então, seria um traidor, alguém de personalidade fraca, facilmente influenciável, não merecedor do amor recíproco inerente à relação clube-torcedor. Como disse João Moreira Salles,

na hierarquia das vilezas morais que rege o sistema ético do torcedor, nada pode ser mais baixo. Um amigo costuma dizer que conhece pessoas que trocaram de casa, de cidade, de emprego, de profissão, de família, de cidadania, de partido, de sexo — mas não de time, porque nesses casos o celerado se cala. De fato, não conheço ninguém que se sinta à vontade para confessar que um dia virou casaca. É impossível não associar ao fato a mácula da deslealdade. (SALLES, 2004, p.2)

Vários estudos – nacionais e internacionais – foram dedicados a explicar não só o fascínio ímpar que o futebol exerce na população brasileira, mas também a própria dinâmica que os jogadores brasileiros imprimiram ao mesmo, fazendo do futebol nacional um estilo próprio e inovador. Ou seja, uma visão antropológica que miscigenaria o futebol ao brasileiro, uma simbiose que originaria a especificidade do nosso estilo de “jogar bola”. Há quem diga, como Roberto Da Matta, que a diferença está justamente nesse ponto. Enquanto para os europeus o futebol é um esporte, no Brasil, o futebol é um jogo, uma brincadeira (daí expressões como futebol moleque, por exemplo). De qualquer maneira, faz-se necessário, então, para chegarmos a uma melhor compreensão da singularidade desse “jogo” no Brasil, que possamos entender o brasileiro.

Para João Saldanha, o estilo brasileiro seria uma consequência da junção dos seguintes fatores: o clima tropical, a visível pobreza do país, a diversidade étnica da população e a paixão exacerbada provocada pelo futebol em nosso território. Para Saldanha, o estilo brasileiro não é um mero caminho para a vitória, mas um fim em si mesmo. Denner, grande jogador de futebol que atuou na Portuguesa de Desportos e no Vasco da Gama, morto prematuramente em um acidente automobilístico, provou essa idéia ao proferir uma frase que se tornou célebre: “às vezes, um drible bonito é melhor do que fazer um gol”.

Poderíamos ainda traçar uma perspectiva histórica que permearia as noções do “nordestino” de Euclides da Cunha e as três raças que comporiam o povo brasileiro,

delimitadas por Roberto Freyre. Poderíamos exaltar a diversidade não só étnica mas cultural do Brasil. Essa multiforme herança biológica seria, segundo estudiosos, a responsável pela ginga, pelos movimentos de corpo, enfim, por um tipo de inteligência cinética que resultaria no futebol bem jogado. Essas associações são, todavia, de difícil comprovação. Além disso, outros fatores contribuíram para o sucesso do futebol brasileiro, como os momentos históricos anteriormente citados, e a facilidade de se “bater uma pelada”, a qual só requer uma bola – que pode ser feita até com um par de meias – e algumas pedras ou chinelos para delimitar o gol.

4) O jornalismo esportivo

O jornalismo esportivo nos reserva o privilégio de conviver, nas quadras, nas pistas, nos campos e nos vestiários, com os sentimentos maiores e menores do ser humano. Prepare, amigo, a sua alma para o patético e para o lírico, para o amargo e para o sublime, pois, na batalha do esporte, como no match da própria vida, o homem odeia, castiga e perdoa. No esporte, como na vida, não há vitórias nem derrotas definitivas.

ARMANDO NOGUEIRA

Já dissemos que a característica principal do noticiário esportivo é a emoção. Contudo, não podemos cair no risco de simplificar exageradamente essa análise. Há muitas diferenças que tornam tal segmento tão particular.

João Saldanha reunia em si, maximizadas, praticamente todas as particularidades que tornam ímpar a cobertura futebolística: a coloquialidade, a emoção à flor da pele, a manutenção constante entre real e imaginário, entre fato e fantasia. Várias expressões que ele criou são usadas até hoje. “A vaca foi pro brejo”, “Está no bagaço”, “Entregou o ouro aos bandidos”, “Vai para o vinagre”, “Linha burra de quatro zagueiros”, “Zona do agrião”, entre muitas outras. Apesar de polivalente – trabalhava tanto para a rádio, como para a televisão e o jornalismo impresso – usava sempre o mesmo modo de se relacionar com o público, qual seja a não-distinção entre a fala coloquial e a escrita. Isso criava uma fácil identificação com o consumidor daquela informação. Era, nos dizeres de Renata Capellano, a “coloquialidade do carioca.”

Como outros segmentos jornalísticos, também o jornalismo esportivo guarda aquelas mesmas funções primordiais que norteiam tal tipo de texto: transmitir informação

e propiciar momentos de lazer. Da mesma forma, qualquer jornalista está sujeito a, consciente ou inconscientemente, manifestar a sua opinião. Todavia, tal manifestação acaba sendo, para o leitor, mais evidente no jornalismo esportivo. Apesar do compromisso ético do jornalista, do qual se espera características tão elementares como isenção e idoneidade, Andréia Barros Costa atenta para a dificuldade no que tange à separação entre repórter e torcedor: “na maioria das vezes, esse coração de torcedor, encravado no repórter, fala mais alto que tais princípios solicitados pela boa prática jornalística. Ele, muitas vezes, sente, cria e “fatalmente” opina”.

São inúmeros os casos de cronistas cuja identificação com o clube de coração é conhecida do grande público, o que é até considerado normal. Para o botafoguense Armando Nogueira, por exemplo, “cronista esportivo que não torce deveria deixar de ser cronista”. Não obstante, Nogueira não hesita em criticar seu time de coração sempre que o mesmo “anda mal das pernas”.

Juca Kfoury, um dos mais renomados cronistas da atualidade, torce e se posiciona em favor do Corinthians, seu time de coração, enquanto o *Apolinho* Washington Rodrigues, levou a sua paixão pelo Flamengo a extremos, quando assumiu o comando técnico do time em 1996, quando o time estava sob a ameaça do rebaixamento. Há, inclusive, uma história muito interessante contada por Rodrigues, que marca muito bem o duelo interno entre emoção e imparcialidade profissional por qual passam os comentaristas. O jogo entre Flamengo e Fluminense valia o título do Campeonato Carioca de 1995. O jogo estava 2 x 2 e o Flamengo era a favor do empate. No final do jogo, Renato Gaúcho marcava um gol de barriga e consolidava a vitória do Fluminense. Os que acompanhavam o jogo pela Rádio Globo escutavam a voz vibrante e emocionada de Washington Rodrigues, ao mesmo tempo em que, na tribuna reservada à imprensa, o mesmo “emocionado” locutor arremessava um aparelho de rádio contra a parede, fruto da iminente perda do título flamenguista.

No rádio, por exemplo, ninguém foi mais conhecido por suas narrações tendenciosas que Ary Barroso. Ary estrou como locutor esportivo em 1935, no programa Hora H, na carioca Cruzeiro do Sul. A passagem para locutor de futebol foi um desdobramento natural. Duas características o diferenciavam: o uso de sua famosa gaita sempre que um gol fosse marcado e a sua parcialidade gritante em favor do Flamengo

(logicamente, a gaitinha tocava por mais tempo quando o gol fosse rubro-negro). Jorge Couri, em depoimento ao “Globo Repórter”, sobre os 50 anos de rádio no Brasil conta que Ary “não dizia falta contra o Flamengo. Ele falava: falta contra nós”.

Apesar desse tipo de atitude ser discutível, penso não ser tal tipo de parcialidade a mais prejudicial, na medida em que é bastante visível. Como o maior perigo é aquele que não podemos ver ou identificar – premissa que os filmes de suspense modernos começam a explorar – a parcialidade que mais prejuízos traz é a sutil, implícita, muitas vezes inconsciente, não facilmente perceptível.

Desse modo, é nosso dever reafirmar que o jornalismo nunca pode se afastar dos princípios que o guiam, quais sejam o compromisso com a verdade, a imparcialidade e a ética profissional. O jornalista esportivo deve, então, procurar aliar de forma sadia sua paixão de torcedor com a verdade, norte da profissão.

A busca pelo entretenimento, evidentemente, é bastante ressaltada no jornalismo esportivo. Desse modo, as matérias são mais leves, de fácil leitura, e buscam dialogar com a paixão do leitor/torcedor. Dessa forma, a diagramação e a linguagem gráfica são bastante peculiares, com um maior uso de cores fortes, diagramas, gráficos, tabelas, e outros recursos mais criativos que libertam esse tipo de texto das amarras do texto jornalístico tradicional.

Como qualquer outra profissão, também o jornalismo esportivo está sujeito a vícios. Maurício Torres iniciou a sua carreira jornalística na Rádio Globo e hoje é um dos principais jornalistas esportivos da Rede Globo de Televisão, e atenta para os perigos da profissão: “pra quem olha de fora, pra quem não conhece a nossa profissão pode parecer que o maior drama ético de um jornalista esportivo é manter-se impassível e imparcial na hora de relatar e/ou comentar o jogo do time do coração. Antes fosse só isso!!!!”, diz. Em primeiro lugar, a ética jamais pode ser esquecida. Para Maurício, muitos males do passado já foram extintos, mas alguns ainda permanecem. Entre eles, Maurício cita a promiscuidade no convívio entre jornalistas e cartolas ou atletas. “Para alguns, é difícil manter a distância regulamentar e saudável”. Outro grave problema é o conflito entre informação e entretenimento, presente principalmente em veículos como a televisão e o rádio. Maurício alerta para o que seria necessário para se evitar as vicissitudes da profissão, e ser um profissional correto e competente: “nunca achar que é “o tal”! Não

importa se você é jornalista esportivo ou econômico ou colunista social. Ler e perguntar e sempre desconfiar e sempre pensar que aquela verdade que está diante dos olhos pode ter uma outra versão, um outro viés, uma outra explicação. Enfim, investigar, sempre”.

Além disso, a imprensa não é apenas uma narradora passiva dos acontecimentos. O sensacionalismo recorrentemente empregado pode repercutir negativamente inclusive na vida dos próprios jogadores de futebol. Em um período já não tão fértil de grandes jogadores, a imprensa – principalmente a carioca – não raro alça garotos que mal atuaram por seus clubes a categoria de ídolos extraordinários. O efeito principal é conseguido, com novas pautas e maiores vendas. O efeito colateral também: com a mesma constância dessas reportagens, os antes jogadores fora-de-série revelam-se seres humanos normais, os quais, com o lado psicológico ainda por trabalhar, perdem-se em meio a tais estardalhaços não só precoces, como também pueris.

4.1) O início: a importância do rádio

No início, o rádio imperava. Até hoje, nenhum meio de comunicação aliou de maneira tão brilhante, emoção e informação, pelo menos no que tange à esfera esportiva. Segundo Januário de Oliveira, que migrou para a televisão após anos de narração radiofônica,

o brasileiro realmente não vive sem rádio. Cada vez mais estou convencido disso. Especialmente o que gosta de futebol. O brasileiro é engraçado. Ele vai ao campo e leva o rádio para acompanhar, por exemplo, a marcação de um pênalti. Aí ele cola o rádio no ouvido para saber se foi pênalti. Como o comentarista predileto lhe diz que foi pênalti, ele se conforma. caso o comentarista diga que não foi, ele protesta contra o juiz. Se tiver alguma dúvida sobre a opinião do seu comentarista, gira o botão e confere o

que o outro está dizendo. Na segunda-feira ele vai para o trabalho e defende que houve o pênalti e que fulano falou que aconteceu. (HALLACK, 1988, p. 77)

O vocabulário dos narradores radiofônicos é um capítulo à parte. Gírias, metáforas, antíteses, eufemismos, rimas, ironia: valia tudo tornar a linguagem mais cativante e captar a atenção do ouvinte. É uma forma de comunicação mais bem-humorada, com a criação de expressões engraçadas e de personagens rapidamente assimilados pelo público, o que acabou influenciando não só a linguagem dos torcedores, mas também a dos outros veículos midiáticos que o seguiram nas coberturas esportivas.

Nenhum veículo de comunicação incorporou tão bem a emoção necessária ao espetáculo futebolístico como o rádio, a ponto de transcender os limites da realidade, incentivando a imaginação do ouvinte. O narrador, no rádio, é um contador de histórias, estabelecendo com o ouvinte, por que não, um laço afetivo e de confiança. O rádio dá uma nova dimensão ao futebol, desmembrando-o em realidade e imaginação. Infelizmente, às vezes a “imaginação” ia um pouco longe demais. O jornalista Márcio Guerra, em seu livro *Você, ouvinte, é a nossa meta – A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol*, reproduz um caso bastante curioso. O carioca Botafogo, de grande torcida em Juiz de Fora, iria jogar pela Taça Libertadores, na Bolívia. A Rádio Nova Cidade resolveu, então, anunciar a transmissão do jogo, acreditando que algum canal de televisão fosse fazer também a transmissão. Nesse caso, Wilson Amin, junto com outro repórter, faria o serviço especial (assistir ao jogo pela televisão e transmitir “simultaneamente” pelo rádio).

Foi se aproximando a hora da partida começar e nada do sinal da partida entrar no ar. Fomos informando que o jogo estava com certo atraso e procuramos sintonizar uma emissora do Rio de Janeiro. Nenhuma estava transmitindo de lá. O máximo que a Rádio Globo fazia era dar informações

pelo plantão durante a programação normal. Rapidamente resolvemos que iríamos criar o jogo e, no caso de algum gol, teríamos a informação do autor do gol e seria criada a jogada e narrado o gol. Assim foi feito. Eis que o plantão da Globo informa que havia sido marcado um pênalti a favor do Botafogo. Empolgados, informamos por bilhete ao Amin que iria ser batido pênalti. Acreditávamos que a cobrança seria rápida. Não foi. A informação não vinha. O narrador já havia inventado uma situação de confusão em cima do árbitro, de contusão de jogador do Botafogo, mas nada da sabermos se tinha saído o gol. Foi quando o plantão informou que tinha sido gol. Amin anunciou a cobrança, gritou o gol e deu a saída, continuando a narração. Cinco minutos depois, o plantão da Globo informou que o juiz tinha mandado cobrar novamente, e o Botafogo perdeu o pênalti. O desespero foi geral. O jogo já estava 1 a 0 para nós, mas, na verdade, 0 a 0. A solução foi, imediatamente, simular uma queda na rede de energia na emissora e finalizar a transmissão no meio, evitando vexame maior. Uma experiência que todos, inclusive a direção da rádio, assumiram nunca mais repetir, sem antes consultar a emissora de televisão se iria transmitir o jogo. (GUERRA, 1986)

Não se pode falar de crônica esportiva, no entanto, sem nos referirmos a Nelson Rodrigues. Para Nelson, o jornalista se assemelharia a um poeta:

Houve um tempo, no passado do homem, em que o fato tinha sempre um Camões, um Homero, um

Dante à mão. Por outras palavras: o poeta era o repórter que dava ao fato o seu canto específico. Hoje, nós temos tudo: jornal, rádio e televisão. O que nos falta é, justamente, a capacidade de admirar, de cobrir o acontecimento com o nosso espanto. (COSTA, 1999, p. 190)

Sem 30% da visão, Nelson baseava suas crônicas na imaginação, conferindo aos jogos, no dizer da socióloga Fátima Antunes, “*verdadeiras narrativas épicas*”. O próprio Nelson Rodrigues disse certa vez que “*a mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana*”.

Nelson Rodrigues quase desliga o futebol da vida real e o coloca numa dimensão de eternidade. Transforma pessoas em personagens fascinantes, quase heróis míticos. Mesmo que o leitor não tenha muita informação sobre elas, acaba inevitavelmente atraído por seus dramas pessoais. (Ibidem, p. 189)

Com o advento da televisão – bem como o seu extremo poder – comparações são até hoje inevitáveis. Entretanto, parece-me correto afirmar que há uma maior cumplicidade, um maior diálogo, entre ouvinte e narrador, mediado pelo rádio. Algumas das vantagens e desvantagens da linguagem radiofônicas estão expressas no “Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan”, escrito por Maria Elisa Porchat.

A comunicação no rádio é limitada, por contar apenas com o som. O que requer uma compensação na linguagem nela empregada; em contrapartida, o rádio leva a vantagem de estar em toda parte. Esse alcance impõe um compromisso cultural, num sentido amplo, e promove a valorização da nossa

língua, de modo particular. Limitação e vantagem estabelecem diretrizes que nem sempre andam unidas. Se por um lado o rádio deve explorar os recursos lingüísticos, por outro, algumas possibilidades da nossa língua não favorecem a comunicação veiculada por meio do rádio. (PORCHAT, 1989, p. 93)

Hoje, é praticamente unânime a idéia de que o rádio foi o responsável pelo desenvolvimento técnico, pelo menos em relação aos esportes, nos outros veículos, que adaptaram a linguagem e o fazer jornalístico radiofônico aos seus próprios meios de veiculação. O que o futuro reserva ao rádio? Nas palavras de Maria Regina Costa, em seu livro *Futebol: Espetáculo do Século*,

os caminhos para o futuro não mudarão a simplicidade do rádio. Ele continuará provocando a imaginação do ouvinte. Sendo seu companheiro para todas as horas, convivendo com as pessoas sem isolá-las, seguirá falando ao pé do ouvido, acompanhando o ouvinte onde ele estiver, com a instantaneidade do acontecimento. Certamente novos desafios. Vai crescer a interatividade do rádio. (COSTA, 1999, p. 79)

4.2) A evolução do jornalismo esportivo impresso

Se o aparecimento e o crescimento do jornalismo esportivo pareceu lento em demasia, foi também gradual. De uma época em que as tiragens eram pequenas e limitadas, direcionadas principalmente às classes altas, o noticiário esportivo impresso

deu um fabuloso salto. Hoje, não há jornal – exceto aqueles que se direcionam a um público específico, como a Gazeta Mercantil, por exemplo – que não possua uma seção destinada aos esportes. Hoje, a maioria dos jornais tem uma editoria separada para os esportes, e vários possuem cadernos especiais, como fez o carioca *O Dia*, com o *Ataque*, e o *Extra*, com o *Jogo Extra*. Em grandes eventos, como Olimpíadas e Copas do Mundo, há sempre um caderno especial ou, no mínimo, um aumento no número de páginas para melhor cobrir os acontecimentos.

Creio ser importante destacar aqui a figura do jornalista Mário Rodrigues Filho, fundador do *Jornal dos Sports* e pioneiro no surgimento de um real e diferenciado jornalismo esportivo, desvinculado de outras editorias, o que, aliado à imensa popularização do esporte no Brasil, cria um vasto público para as suas notícias. A partir de então, passa a ser gerada uma maior proximidade entre os textos jornalísticos e os gostos populares.

Houve também um crescimento contínuo em relação à importância dada aos textos esportivos. Há não muito tempo, as editorias de esporte eram consideradas apenas como uma aprendizagem, assim como as páginas policiais, destinadas quase sempre a jornalistas iniciantes. Hoje, com a mudança de percepção em relação à relevância do esporte também como objeto jornalístico, o repórter esportivo se tornou mais especializado, até devido às peculiaridades do próprio fazer jornalístico esportivo. Com isso, podemos verificar profissionais consagrados na esfera jornalística, que fizeram seu nome e reputação calcados apenas em suas atuações como repórteres esportivos.

Essa valorização demonstra – e requer – que esse profissional seja um jornalista como qualquer outro, cujos conhecimentos devem transcender as especificidades de sua área de atuação, tendo uma ótima visão do mundo que o cerca, sem a bitolação de ser um especialista em esportes e uma negação em outros assuntos inerentes à profissão. No caso do futebol, deve ter um grande domínio sobre os fatores que envolvem os jogos e campeonatos, regras, jogadores, personagens – dirigentes, comissão técnica, torcida – manifestações sociais e culturais que norteiam os fatos do mundo esportivo, evolução histórica etc.

A final do Campeonato Carioca de 1929, disputada entre América e Vasco, marca a primeira vez em que a imprensa escrita cobriu com mais destaque o espetáculo

futebolístico. Em 1931, o jornalista Mário filho, que mais tarde daria o seu nome ao histórico estádio do Maracanã, fundou o primeiro jornal exclusivamente voltado para os esportes, o carioca *Jornal dos Sports* (veja que a própria grafia ainda ressalta a influência do vocabulário bretão no futebol), que seguia o modelo do já conceituado jornal esportivo italiano *Gazeta dello Sport*. Atualmente, há a revista Placar e o diário esportivo Lance!, criado em 1997, e que tem uma peculiaridade: a existência de uma editoria paulista e outra carioca, reponsáveis pela circulação de dois jornais diários sob o mesmo nome, um atendendo ao público de São Paulo e outro atendendo ao público do Rio de Janeiro.

4.3) A televisão, enfim, mostra a sua força

O tricampeonato brasileiro de 1970 inaugurou uma década muito importante para o jornalismo esportivo nacional. A televisão inicia as transmissões das partidas ao vivo, e mostra a sua força no segmento. São tempos modernos, o mundo passa por grandes transformações, os avanços tecnológicos e as inovações gráficas fazem a imprensa escrita mudar o enfoque dado ao futebol.

“Não se joga mais futebol como antigamente” é uma frase muito escutada em mesas redondas e colunas de futebol. De fato, muito se mudou nestes mais de 100 anos de futebol, sobretudo no Brasil. Há, entretanto, um responsável oculto por tal fenômeno, além da profissionalização do esporte: o videotape, chamado de “burro” por Nelson Rodrigues, que sepultou a ficcionalização da realidade do espetáculo. Andréia C. Barros Costa define bem essa diferença de percepção do espetáculo promovida com a entrada da televisão:

Nas crônicas destes jornalistas, falava-se na bola que mudava de direção, no jogador que parava no ar, no chute inacreditável do craque, em todas as trajetórias impossíveis. No texto, parecia um épico, um lance de batalha da Odisséia. Na vida

real, os lances certamente eram bem mais prosaicos, e a televisão certamente denunciaria isso. [...] Nogueira acreditava que a transmissão pelo rádio fazia dos jogadores “quase perfeitos”, a partir da criação do entusiasmo do locutor.
(COSTA, 2001, p.65)

4.4) Particularidades

Por ser o entretenimento objeto da matéria do jornalismo esportivo, esse é visto como um setor secundário frente a seções mais nobres como a política e a economia, por exemplo. Como já dito antes, tal posição de inferioridade compromete – e muito – a sua qualidade. Como diz Gastaldo, *“um cronista esportivo “torcer” por um time em seu texto é muito menos grave do que um editor de política por um candidato e partido”*. Não se quer, aqui, hierarquizar o impacto de um ou de outro, mas ressaltar que essa *vista grossa* feita ao jornalismo esportivo só vem a maximizar as suas falhas. Apesar de “menos nobre”, o jornalismo esportivo tem a sua relevância social e midiática elevada quando se trata do interesse que desperta e na audiência que consegue, outro motivo pelo qual o mesmo deveria ser levado com mais esmero e isenção.

A coloquialidade é outro fator diferencial desse segmento, não só por se dirigir a uma massa a qual, no caso brasileiro, muitas vezes não se adequaria a uma linguagem mais rebuscada, como também por ser a informalidade uma decorrência direta da emoção embutida nesse tipo de texto. É a incorporação dos papos em mesa de bar, das troças no ambiente de trabalho, enfim, da linguagem do povo, o que torna esse texto, sem dúvida, o mais acessível a maior parte da população brasileira. Novamente, essa coloquialidade, aliada à baixa exigência de objetividade, faz com que esses discursos estejam carregados de impressões pessoais do narrador e freqüentemente sujeitos a juízos de valor nem

sempre positivos. Preconceitos como racismo e machismo são, infelizmente, comuns e, na maioria das vezes, pouco perceptíveis.

Outra particularidade do noticiário futebolístico é a diferença na cobertura e na divulgação das notícias. Tomemos a cobertura jornalística do conflito árabe-israelense como paralelo. Diz-se que a imprensa europeia apresenta um direcionamento pró-Palestina, enquanto a imprensa norte-americana apresenta um direcionamento pró-Israel. Apesar de os fatos serem um só, por questões políticas, mostram-se versões diversas. No futebol, não é diferente. Os clubes ganham aura de partidos políticos ou religiões - essa talvez mais apropriada - e seus torcedores, seu público eleitoral, seus fiéis. Desse modo, um mesmo fato obtém reações diametralmente opostas. Vejamos o diário esportivo *LANCE!*, que circula em São Paulo e no Rio de Janeiro. As capas e o interior das matérias são diferentes, apesar de o assunto ser, em tese, o mesmo. E isso vai além apenas do maior espaço destinado aos clubes do estado o qual o jornal percorre. Imaginemos uma final de Campeonato Brasileiro entre um time do Rio e outro de São Paulo, na qual este sagra-se campeão. Os jornais de São Paulo dedicarão mais espaço ao jogo, examinarão a campanha vitoriosa que levou o time vencedor ao título, analisarão o seu merecimento, acompanharão as festas. Os jornais cariocas provavelmente irão suprimir parte do espaço que seria destinado à cobertura, investigarão as causas do fracasso, a desorganização do futebol carioca, a tristeza da torcida derrotada.

Tal regionalismo não implica em si uma parcialidade, mas tão somente um reflexo da paixão e da rivalidade existente entre os torcedores. Quando o regionalismo se torna bairrismo, aí sim temos uma das falhas mais comuns do jornalismo esportivo. O jornalista Heródoto Barbeiro, em um artigo veiculado na Revista Imprensa, cita uma ocasião em que ligou o rádio para ouvir um jogo do Corinthians, mas não conseguiu acompanhar a transmissão: *“o jogo era contra um clube do Rio. O locutor torcia tanto para o time paulista que, vez por outra, não se sabia se o que narrava era uma competição esportiva ou a revanche da Revolução Constitucionalista de 1932”*.

As manifestações desse bairrismo podem ser sentidas a qualquer momento. Quando o técnico da Seleção Brasileira convoca um número de jogadores que atua em São Paulo bem superior ao que atua no Rio, e a imprensa carioca, esquecendo-se do quadro caótico do futebol em seu microcosmo, passa a reclamar do favorecimento que se

dá aos jogadores paulistas; quando os programas esportivos de emissoras de televisão com sede em São Paulo só veiculam notícias vinculadas à sua região, mesmo tendo o programa uma amplitude nacional; entre outros. Tal diferença na cobertura esportiva é sentida pelos próprios jornalistas. Veja o que escreveu o *Ombudsman* da *Folha de São Paulo* no dia 7 de dezembro de 1997, sob o título *Futebol, paixão e jornalismo*:

Especialistas esportivos questionam a razão de haver tão pouco interesse pelo Campeonato Brasileiro em São Paulo, refletido no menor comparecimento do público aos estádios paulistas.

Meu palpite é de que isso tem a ver com uma certa frieza da cobertura esportiva nos jornais de São Paulo em comparação com os seus concorrentes cariocas.

Parece haver uma sensibilidade maior para o caráter de espetáculo do futebol, uma relação mais solidária com o leitor no sentido de facilitar sua paixão pelo clube, seu amor pelo astro, seu ódio pelos outros. Há também mais cascata, falsas informações e falsas polêmicas, sensacionalismo.

A imprensa de São Paulo acompanha o espetáculo com frieza distanciada, a emoção contida de quem confere uma nova execução de um quarteto de Brahms.

*Esta **Folha**, com sua tradicional atenção às estatísticas e sua busca por novos enfoques e novos esportes, por sua fuga à rotina constrangedora da vida dos clubes e suas briguinhas, por vezes parece remar contra os interesses e o hábito dos leitores mais apaixonados, ou seja, quase todos os que*

acompanham *futebol.*

Talvez a atitude "olímpica" da imprensa paulista, à sua moda, termine por contribuir, ainda que modestamente, para o esfriamento da paixão positiva do torcedor pelo futebol. É só uma tese.

Logicamente, quem lê a coluna pode pensar que a imprensa paulista é totalmente isenta e a carioca uma completa esculhambação, o que não é verdade. Entretanto, podemos extrair do texto dois pontos importantes. O primeiro seria a frieza jornalística, tão almejada pelo jornalismo como um todo, mas não no esportivo, como o colunista deixa implícito em sua coluna, o que não poderia ser diferente, pois um texto que dialoga com a emoção não pode, de forma alguma, ser frio. O segundo é o reconhecimento da existência do sensacionalismo, das falsas polêmicas, enfim, de todo tipo de subterfúgios nem sempre louváveis que têm por objetivo despertar o interesse do leitor e, por consequência, vender jornais ou aumentar a audiência. Começamos, então, a delimitar o nosso foco de atenções para o próximo capítulo.

5) Emoção e parcialidade

A parcialidade da mídia pode ser verificada desde os primórdios da prática do futebol. Para analisar tal direcionamento, é necessário atentar para o fato de que o futebol, quando do seu surgimento, era praticado apenas pela classe mais abastada da sociedade, uma vez que o mesmo foi trazido por estudantes que regressavam da Europa – particularmente a Inglaterra. Contribuíram ainda para isso, o fato de que os materiais para a prática do esporte eram caros e importados. O próprio vocabulário usado - *game, meeting, field, linesman, offside, match, goal, score* – maximizava essa segregação dos patricantes.

Tal divisão, porém, não dura muito tempo. O futebol é incorporado pelo povo, o que causa repúdio por parte da aristocracia, como podemos constatar através desse trecho

extraído do livro *Lance de Sorte – O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca*, de Micael Herschmann e Kátia Lerner:

(...) todos são favoráveis à passagem de um determinado projeto mas não têm coragem de em público manifestar as suas convicções. Há de fato na aparência, naqueles (felizmente muitos poucos) que não sofrem as conseqüências da má educação de pessoas que não estão de acordo com o nível moral e social do sport, uma espécie de democracia, que não passa no fundo de uma refinada hipocrisia...Nós pensamos, e conosco pensam todos aqueles que fazem da sinceridade um culto: “o football é um sport que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo”! (...)

De modo que nós que freqüentamos uma Academia, temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no Salão Naval, jantamos na Rotisserie, freqüentamos as conferências literárias, vamos ao five o'clock; mas quando nos resolvemos a praticar sport entramos para o Icarahy Club, distinto filiado à 3ª. Divisão Metropolitana, somos obrigados a jogar com um operário, limador, corrieiro, mecânico, chauffeur e profissões outras que absolutamente não estão em relação ao meio onde vivemos. Nesse caso a prática do sport torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão. (HERSCHMANN, 1993, p.45)

A imprensa, anteriormente favorável à prática de tais esportes, acompanha a revolta aristocrática, mudando o seu posicionamento acerca dos mesmos.

A imprensa carioca, que outrora fazia elogios ao esporte, vai gradativamente aumentando suas críticas e acusações, ressaltando a violência e descortesia do jogo de bola. A partir dessa postura podemos perceber como o esporte vai se desqualificando como lazer “fino”. Associado, no princípio, a imagens de deuses gregos pelos cronistas e escritores parnasianos, passa a ser combatido por grande parte da imprensa à medida que se populariza. (Ibidem, p. 44)

Dois clubes em grande parte responsáveis pela popularização do futebol foram o Flamengo, cujas exibições na praia do Russel eram observadas por um enorme contingente de pessoas, e o Vasco, primeiro clube a romper as barreiras sociais do esporte, ao aceitar em suas fileiras qualquer um que demonstrasse talento, sem se importar com classe social. Tem início a democratização do futebol.

Deve-se ressaltar, porém, que há uma diferença entre a parcialidade querida e a inconsciente. A querida é alavancada pelo caráter mercantilista do jornalismo, que se aproveita das facilidades de um texto mais “emocional” para vender jornais. Já a inconsciente é tão somente uma consequência natural do fato de que a maioria dos jornalistas esportivos são também apaixonados pelo esporte – e por seus clubes. Infelizmente, esse é um dos motivos pelos quais o jornalismo esportivo é considerado como um jornalismo “menor”, o que faz com que tais falhas sejam “perdoadas”, o que só vem, em última análise, a perpetuar esse círculo vicioso. Um exemplo da emoção que o futebol provoca nos jornalistas – e que ratifica a importância da sua presença – é contado por Doalcei Camargo e aconteceu durante a cobertura da final da Copa do Mundo de 1970, entre Brasil e Itália.

Se não tem um médico do meu lado, por coincidência do Rio de Janeiro, como um assistente e torcedor, podia ter sofrido uma síncope cardíaca ou problema qualquer na hora do gol em que Gérson desenvolveu uma jogada maravilhosa e fez Brasil 2 a 1, na final contra a Itália. O jogo estava indefinido. Mas aquilo foi me crescendo uma emoção tão grande que, quando houve o gol, eu senti o estádio desabando e, incontinentemente, fui atendido por um médico ao meu lado. Era um torcedor brasileiro e era médico, quem sabe até cardiologista, por sorte. Deu um buraco pequeno na transmissão, já que logo o comentarista pegou o microfone e improvisou. Felizmente o médico era bom e voltei rapidamente. E garanto que voltei com a corda toda. (HALLACK, 1988, p. 71)

Assim, os veículos de comunicação apóiam-se na emoção esperada por seu público para fazer deslizes propositais e tendenciosos. Infelizmente, tais exemplos são corriqueiros e facilmente encontrados. Uma das manchetes do Jornal dos Sports de 14 de outubro deste ano dizia: “Árbitro trapalhão estraga festa do Brasil em Maceió: 0 a 0”. Dentro do jornal, o título da matéria era o seguinte: “Só o bandeirinha não viu!”, e o subtítulo: “Petardo de Adriano entra, o gol não é validado e o Brasil fica no 0 a 0 com a Colômbia”. Esqueceram-se, porém, que o time colombiano também teve um gol erradamente anulado, o que torna tal abordagem não só sensacionalista, como extremamente manipulada. Apenas em um único momento no decorrer da matéria, uma pequena frase sem maiores ares de importância: “a Colômbia também foi prejudicada pela arbitragem, que assinalou impedimento inexistente numa jogada que certamente resultaria em gol”. Detalhe: a jogada resultou em gol. A bola entrou, mas o mesmo foi anulado. Tal descompromisso com a verdade é assustador. Em primeiro lugar, porque

quem não viu o jogo, ou seja, aqueles que não tiveram conhecimento do acontecido, ao ver a capa do jornal, chegariam a uma idéia equivocada, não condizente com a realidade. E, em segundo lugar, foi uma das piores atuações até então – se não a pior – atuação do escrete canarinho nas Eliminatórias, fator principal - e não a arbitragem – para o empate sem gols, o que deveria ter sido evidenciado nas chamadas principais. Tais acontecimentos são responsáveis pela perpetuação de um círculo vicioso, segundo o qual a imprensa esportiva seria uma forma “menor” e menos importante de jornalismo. Talvez por isso - e aliado às suas peculiaridades, liberdades como a emoção e a coloquialidade – haja uma menor exigência em relação às suas matérias, o que, por sua vez, contribui cada vez mais para a má reputação deste segmento.

Por isso há de se fazer o necessário reforço: a emoção, apesar de inerente à profissão, não pode, de forma alguma, servir de escudo para desvios éticos e profissionais. De acordo com Capellano,

o jornalista (...) tem o dever de seguir os princípios de sua profissão, sob pena de desviar dos fatos e perder credibilidade. Entretanto, ao mexer com algo tão imprevisível e tão intimamente relacionado com a paixão como é o esporte, ele se vê em conflito consigo mesmo, pois é obrigado a lidar com as duas éticas que existem dentro dele. Ele não pode deixar que a ética do torcedor se sobreponha a do jornalista em momento algum. Quando isso acontece, o torcedor percebe de imediato, pois se reconhece no jornalista. Neste momento, ambos estão sendo levados pela mesma força. (CAPELLANO, 2000, p. 44)

Além disso, o amadorismo e o romantismo não poden durar *ad infinitum*. Hoje, o jornalismo esportivo é também guiado por critérios de marketing e padrões mercadológicos. Antes de ser negativo, tal aspecto é simplesmente natural, dada a

conjuntura em que nos encontramos. O perigo reside na articulação que o jornalismo trava com tais premissas. No caso do rádio, por exemplo, as emissoras priorizam o Flamengo, clube de maior torcida, seguido pelo Vasco da Gama. Em São Paulo, a primazia é dada ao Corinthians, seguido de Palmeiras, São Paulo e Santos. Logicamente, tais prioridades são discutidas, sob a ótica de que tais veículos de comunicação seriam parciais em relação aos clubes de maior torcida por interesses meramente financeiros. Aí, entram dois aspectos. Se há dois jogos ocorrendo no mesmo horário, e em um deles um clube que mobiliza muito mais torcedores, há uma inclinação óbvia pela transmissão do jogo deste. Natural. Entretanto, quando as próprias informações e juízos de valor proferidos se inclinam para a defesa de um determinado clube, pelo simples fato de sua maior torcida representar maior retorno financeiro, então há, nesse caso, a mácula sobre os princípios do verdadeiro e isento fazer jornalístico. Não se quer aqui uma desvinculação idealizada de interesses comerciais, o que seria impossível, mas uma associação idônea com esses mesmos interesses. O que se urge é mais profissionalismo e menos comércio.

Encampar a condição de torcer pelo Vasco, além de trazer vantagens financeiras, ajuda também na popularidade, em função da imensa torcida. Agora, torcer pelo Flamengo, fora de dúvida, é uma perfeita conotação com a maioria dos torcedores...Para os donos de rádio e televisão o ideal é que todos puxassem sempre a brasa para o Flamengo. (MENDES,1999, p. 83-84)

Luiz Mendes alerta ainda que interesses pessoais e, sobretudo, comerciais, acabam por desvirtuar a cobertura esportiva, em virtude das pressões que se exercem sobre os jornalistas.

De minha parte, compromissado que sou com a verdade, faço elogios rasgados aos times que

realmente me convencem por suas qualidades. E não elogio aquelas equipes que considero que estão jogando um mau futebol... Essas coisas nos desanimam, porque ferem a nossa consciência, já que temos a convicção de que quem fala a verdade não merece ser desaprovado. Principalmente quando essa verdade é parte integrante do contexto do assunto comentado... No rádio de hoje, só se ganha realmente bem quando se é agenciador de publicidade. (Ibidem, p. 84)

6) Conclusão

Hoje, a nossa própria maneira de viver comprova a presença do futebol em nossas vidas, em filmes, novelas, músicas e até em nosso vocabulário, com expressões e gírias como “pisar na bola”, “marcação cerrada” e outras tantas que foram incorporadas no cotidiano da sociedade, sem distinção econômica ou social. O futebol, assim, nada mais é que a representação da nossa sociedade.

Como qualquer outro componente da nossa sociedade, o futebol passa a representá-la. Trata-se de um fato complexo que fascina e leva todos que o assistem, além de se divertirem, a exprimirem sua própria vida. O que ocorre através desse jogo-espetáculo é uma simulação, uma representação intensificada do próprio cotidiano da população.

O futebol corresponde a um fenômeno natural espontâneo em suas implicações simbólicas, quaisquer que sejam elas: o campo representando o território; os homens se apresentando como heróis; a disputa como sendo o confronto entre o bem e o mal; a bola como um ideal a ser perseguido.
(GUERRA, 2000, p. 42)

O que o futuro reserva ao futebol é nebuloso. Hoje, ao lado do respeito internacional que o Brasil possui no esporte, há também as mazelas cada vez mais exacerbadas do mesmo em nosso território. Clubes devedores, campeonatos deficitários, aumento da violência, insegurança nos estádios, os interesses pessoais e políticos escusos

de diretores de federações, CBF e de alguns clubes, o amadorismo, no sentido mais negativo do termo, na administração de um sem-número de times de futebol, a falta de grandes craques e o êxodo dos melhores jogadores em atividade para o exterior, além do progressivo afastamento dos torcedores dos estádios. Há solução para todos esses problemas? O assunto é vasto e exige estudos sérios, que só tardiamente começam a crescer em quantidade e qualidade, como demonstra a bibliografia ao final reproduzida.

Tanto Maurício Torres como Márcio Guerra transpareceram em suas entrevistas o mesmo problema, que para eles seria o principal ponto prejudicial da imprensa esportiva e que nem sempre é levado em consideração: a relação, nem sempre isenta, entre repórteres e dirigentes ou atletas, questão que, para Guerra, poderia ser resolvida com uma melhor remuneração dos jornalistas e melhores condições das empresas de comunicação.

Mesmo expressando sentimentos e opiniões, os escritores não podem deixar de transmitir a verdade dos fatos, independentemente da forma como escrevem e dos recursos que utilizam. A imprensa esportiva, por sua própria natureza, corre o risco de perder o apelo se não transmitir emoção. (...) É claro que, muitas vezes, em meio a essas cargas de passionalidade, os jornalistas esportivos ultrapassam os limites e comprometem a essência do jornalismo, que é a informação. Entretanto, ele não deve se esquecer da responsabilidade social que ele adquire ao assumir um compromisso de escrever em um veículo de comunicação. O jornalista esportivo comprometer-se em ser isento ao apresentar todos os lados de uma questão sem distorcer os fatos. É trabalhar com a dose de paixão característica deste segmento, mas sem

deixar que suas preferências pessoais contaminem o andamento profissional. (COSTA, 2001, p. 78-79)

A impressão final produzida com este trabalho é a de que a parcialidade é algo que “vem com o pacote” do jornalismo esportivo, dada a sua liberdade, traduzida pela emoção e linguagem diferenciada, e que pode ser vista por diferentes pontos de vista. O que se roga aqui é a eliminação daquela parcialidade advinda de interesses alheios ao correto jornalismo, movidos por razões de ordem puramente comercial ou calcadas na já ultrapassada idéia de que em jornalismo esportivo pode-se tudo. Por isso, discussões sempre vão existir, até em virtude de tal segmento lidar com sentimentos e pessoas movidas pela paixão. Assim, se sou vascaíno, posso me sentir revoltado com determinado apresentador, por considerar sua narração parcial em relação ao Flamengo, enquanto um flamenguista pode sentir o mesmo, mas de forma inversa. Quem está certo? Ou melhor, existe alguém certo? Maurício Torres conta que ouviu reclamações que diziam ter sido ele favorável ao Juventude na transmissão da final da Copa do Brasil de 1999, entre aquele time e o Botafogo, seu clube de coração, o que torna pouco provável a observação feita pelo torcedor. Esse é apenas um exemplo que comprova que, muitas vezes, nossa emoção pode anuviá-lo o real significado de determinados fatos e fenômenos. Cabe aos jornalistas, a ciência das razões propulsoras da profissão - verdade, isenção e ética - para que a emoção seja apenas um bônus, que torna o jornalismo esportivo tão mágico e peculiar. Que assim seja.

Bibliografia:

- AGOSTINHO, Gilberto. **Vencer ou Morrer – Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional**. Mauad, 2002.
- AIDAR, Antônio Carlos Kfourir. **A Nova Gestão do Futebol**. FGV, 2000.
- ALABARCES, Pablo (2001). **Sport and Fatherland. Football and narratives of the nation in Argentina, 1920-1998**, PhD thesis, inédito.
- ALABARCES, Pablo y Rodríguez, María Graciela (2001): “Resistir al otro. El ‘aguante’ y el imaginario masculino y popular en el fútbol argentino”, en Alabarces, P. (comp.) **Fútbol e identidade en América Latina**, Buenos Aires, CLACSO, en curso de publicação.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia Científica: Elaboração de Trabalhos Científicos na Graduação**. São Paulo: Atlas, 1997.
- BARBEIRO, Heródoto. **Velhas Fórmulas têm que ser abandonadas**. In Revista Imprensa, Rio de Janeiro : nº 129, 1998.
- CAPELLANO, Renata. **O Torcedor de Futebol e a Imprensa Especializada**. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social. Juiz de Fora: FACOM, UFJF, 2 sem. 1999.
- CARRANO, Paulo César R. **Futebol: Paixão e Política**. Dp&a, 2000.
- COSTA, Andréia C. Barros Costa. **Bate-bola com a crônica – O futebol, o jornalismo e a literatura brasileira** Juiz de Fora: UFJF; Facom, 1.sem. 2001, 80 fl. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social

- COSTA, Márcia Regina. (et. al). **Futebol: Espetáculo do Século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**, vol.1, 6º ed.. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1952.
- GARRIGA ZUCAL, J. (2001), "**El aguante: Prácticas Violentas e identidades de Género Masculino en un grupo de simpatizantes del fútbol argentino**", Tesis de Licenciatura, inédita.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**. Nova Alexandria, 2002.
- GUERRA, Márcio de Oliveira. **Você, ouvinte, é nossa meta**. Rio de Janeiro: UFRJ; ECO, 1 sem. 2001. Dissertação de Mestrado em comunicação e Cultura.
- HALLACK, Ivan Elias. **O envolvimento do torcedor de futebol através do rádio**. Juiz de Fora: UFJF; Facom, 1º semestre 1988, 108 mímeo. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.
- HERSCHMANN, Micael. **Lance de Sorte: O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca**, Rio de Janeiro, Diadorim Ed., 1993.
- MATTA, Roberto da (org.). **O Universo do Futebol**, Rio de Janeiro, ed. Pinakothke, 1982.
- MENDES, Luiz. **7 Mil horas de Futebol**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1999.
- NOGUEIRA, Armando. **O Homem e a Bola**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1987.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania – Uma história social do futebol no Rio de Janeiro de 1902-1938**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

- PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo: Jovem Pan.** São Paulo: Ática, 1989.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e Palavra.** Rio de Janeiro: José Olímpio Ed., 1981.
- RODRIGUES Fº., Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro,** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- RODRIGUES, Nélon. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol.** São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SANTOS, Joel Rufino dos. **História Política do Futebol Brasileiro,** São Paulo, Brasiliense, 1981.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol.** Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2000.
- TUDO - O livro do conhecimento. São Paulo: Ed. Três, 1996

ANEXO 1:

Uma breve descrição do torcedor

João Moreira Salles

31.05.2004 | O torcedor é um ponto de exclamação. É excessivo. Em períodos mais críticos, vive em estado de exaltação semiótica. Tudo significa. Ele tenta, penosamente, decifrar o sentido da temperatura ambiente, das condições do gramado, das cores da camisa do adversário, das iniciais do juiz. Nas horas mais desesperadas, vê augúrios no vôo dos pássaros e intenções na forma das nuvens.

A vida ensina que toda emoção intensa — uma dor de dente aguda, um amor profundo — tende a ser absoluta. O mundo vira dente ou pessoa amada, e todo o resto se desmancha. Com o torcedor semiótico é igual. Ocorre nele, simultaneamente, uma redução e um adensamento do mundo. Quase tudo é negado em troca da forte existência do pouco que sobra.

Antes da partida sobram as bandeiras a caminho do estádio, os túneis onde o rádio não pega, a placa do carro que não avança, a camisa do amigo que era/não era essa, o giro e o tranco da borboleta, a conta rápida: quem trouxe mais gente, nós, eles? O resto desaparece. Paisagem, obrigações, prazos, receios, ambições, família, amor. Do corpo, somem tronco e membros. Permanece o essencial: coração e estômago.

O que sobrevive à redução do torcedor é submetido a critérios de importância que não correspondem necessariamente ao ordenamento consensual das coisas. Certa vez tomei a avenida Presidente Vargas na volta de Moça Bonita. Levava no carro um amigo e dois conhecidos. Ao passarmos diante da Central do Brasil, um dos conhecidos esticou o dedo na direção do relógio. Os outros acompanharam com os olhos. Estavam pasmos. Transcorrido um instante, o conhecido do dedo proclamou: “É muito mais bonito do que o Big Ben”. O conhecido 2 fez a comparação mental e aduziu: “Muito mais”. O amigo arrematou: “Nem se compara”. Depois se calaram, em respeito. (O relógio estava atrasado doze minutos.)

É claro que nenhum deles mentiu. Estavam todos tomados pela generosidade plena que se espalha na alma do torcedor quando ele deixa o estádio com uma vitória na bagagem. Era o nosso caso. Não perdemos aquela partida. Se tivéssemos perdido, essas mesmas pessoas, ao voltar para casa e dar com a lagoa Rodrigo de Freitas, seriam capazes de dizer: “Deviam aterrar”.

Mas não existe apenas um tipo de torcedor. São muitos. Sobre aquele que vai ao estádio somente quando o time está bem, desse não falemos. Mais lastimável, só o que mudou de clube. Na hierarquia das vilezas morais que rege o sistema ético do torcedor, nada pode ser mais baixo. Um amigo costuma dizer que conhece pessoas que trocaram de casa, de cidade, de emprego, de profissão, de família, de cidadania, de partido, de sexo — mas não de time, porque nesses casos o celerado se cala. De fato, não conheço ninguém que se sinta à vontade para confessar que um dia virou casaca. É impossível não associar ao fato a mácula da deslealdade.

Um exemplo: o sujeito que nasceu não-Flamengo mas na década de 80, diante do poderio do time da Gávea, decidiu aderir às cores rubro-negras, descreveu uma trajetória moral indefensável. Não se trata aqui de uma questão partidária. A sentença moral independe do time de coração, até porque todo ato de virar casaca é no mínimo questionável, e isso inclui as pessoas que mudam para o nosso lado. O que torna o exemplo acima especialmente grave é o fato de o réu ter se deixado seduzir pelo poder. Abandonou o fraco para cerrar fileiras com o forte. Foi um Kisling. Ou, para ficarmos mais perto de casa, um brasileiro deslumbrado com os penachos do regimento dos dragões que bateu no gabinete do vice-rei para dizer que Tiradentes andava pensando bobagens.

O inverso é o torcedor de time nanico que bate no peito com orgulho. Toda vez que vou ao estádio e vejo meia dúzia de torcedores do Madureira, do Olaria ou do Barreira saudando a entrada do time com o mesmo entusiasmo das massas soviéticas diante de Gagárin, fico genuinamente espantado. Invejoso, até. É preciso fibra moral para atravessar a vida como soldado fiel de um exército miúdo.

Esse tipo de coragem não está ao alcance da maioria de nós, torcedores de time grande. Podemos, no máximo, provar que somos honrados dando mostras de lealdade nos momentos de desgosto ou irrelevância. Todo torcedor que se preza gosta de jogar na cara

do outro o fato de ter ido a um jogo completamente inútil, de preferência numa noite chuvosa de segunda-feira, se possível em outro município. O número de torcedores presentes será inversamente proporcional ao tamanho da glória. Conheço gente que já foi a jogo com menos de cem pessoas. O recorde é de um amigo tricolor que assistiu a uma partida na companhia de outros quinze abnegados. Contava essa história com o orgulho de um Amundsen recém-chegado do Pólo Sul. “Tinha mais gente no campo do que na arquibancada!”, repetia maravilhado.

O torcedor exemplar precisa ter participado de certas partidas épicas para desfrutar de prestígio entre os pares. Importa também como reagiu a elas. É notoriamente indigno de consideração aquele que não achou, pelo menos durante uma tarde, que a vida não valia a pena depois da derrota do Brasil para a Itália em 1982. Exige-se no mínimo algum choro (seja no gol do Falcão, seja no terceiro do Paulo Rossi) e/ou absoluta inapetência nas horas seguintes à tragédia. Me lembro de ter ido a uma churrascaria depois da partida, não para saciar a fome inexistente, mas para não ficar só. As mesas estavam todas tomadas, e no entanto pouco se ouvia. Aqui e ali, um talher batia de leve na borda de um prato. Tudo era lasso, triste. Ninguém comia. Eram todos torcedores.

Todo time tem suas batalhas históricas, determinantes. O torcedor deve mencioná-las sempre, e jamais com a serenidade de um historiador, mas com a ênfase de um veterano combatente. Sou Botafogo. Quando, em 1989, com um time modestíssimo, entramos em campo contra o poderoso Flamengo de Zico para disputar nosso primeiro título depois de 21 anos, tivemos a nossa Stalingrado (somos os soviéticos). Anos mais tarde, contra o mesmo Flamengo, jogamos com um time reserva, do goleiro ao ponta-esquerda, e a partida foi a nossa Agincourt: “Nosso pequeno exército, nosso bando de irmãos” (somos os ingleses). Em 1999, diante de mais de cem mil botafoguenses, Paris caiu e éramos franceses - o título da Copa do Brasil nos escorreu pelas mãos num empate amargo em pleno Maracanã. Em 2002, a campanha da 2a Divisão foi a nossa batalha da Inglaterra; ao longo de seis meses, resistimos à descrença geral e, quando já nos davam como perdidos, superamos as adversidades e provamos, como os ingleses, que estávamos vivos. Sobre o atual Campeonato Brasileiro, é cedo para falar, mas pelo jeito como começou, vem à mente o Vietnã. Não somos os vietmanitas.

Durante a partida sobram a vileza dos zagueiros adversários, a qualidade épica do

nosso atacante (quando marca), sua constrangedora imperícia (quando erra), a cegueira do técnico (sempre), a impostura do juiz (sempre), os gritos de guerra (vogais compridas, nunca consoantes), os grandes silêncios (sempre de um time só) e, sobretudo, a consciência do tempo.

Sempre supus que o estádio de futebol fosse um lugar tão adequado quanto o laboratório de física para ensinar a relatividade. Todo torcedor sabe que o tempo não é absoluto. É imenso, oceânico, para quem está ganhando, e minúsculo, quase nada, para quem está perdendo. Na estranhíssima física que rege a partida, é como se não houvesse passado nem futuro, apenas um presente que se consumasse sob a forma de um bloco sólido de 90 minutos. Para uns, os que vencem, esse presente parece nunca terminar de se cumprir; para os outros, os perdedores em busca desesperada do gol, ele já carece de duração. São duas experiências reversíveis, sem dúvida. De um só golpe, violentamente, o tempo ínfimo de um é expandido ao infinito, enquanto a eternidade do outro é reduzida a um instante quase findo. Basta um gol.

Um modo alternativo de ver: o tempo não é externo, mas interno. É o que os franceses chamam de *durée* — a duração, a dimensão psicológica do tempo. Os torcedores só conhecem a *durée*. É ela que determina a experiência da partida. O tempo objetivo, o cronológico, só volta a vigorar com o apito final do árbitro.

Depois da partida, sobra o padrão das pedrinhas portuguesas no chão, quando perdemos, e a mão espalmada contra o céu, quando ganhamos.

Indo além dessas leis mais gerais do torcedor, cada um segue as regras da subcultura a que pertence. Numa cidade como o Rio de Janeiro, é possível deduzir boa parte da visão de mundo de alguém pelo hino que canta quando vai ao Maracanã.

Tricolores têm a doce afetação da nobreza decaída. Estão juntos de nós, na calçada, mas fingem nos olhar da cobertura, de onde já foram despejados faz tempo. Seriam arrogantes se ainda tivessem esperanças de reverter a história, mas como a Revolução Francesa aconteceu há mais de duzentos anos, eles decidiram, acertadamente, viver bem sem fazer mal a ninguém, como um Orleans e Bragança em Petrópolis.

Vascaínos — pelo menos os da Zona Sul — são solitários. Vão sozinhos ao Maracanã. A maior parte da torcida se concentra nos subúrbios. É o verdadeiro clube popular da cidade, o anti-Fluminense. Houve um tempo em que torcer pelo Vasco era um

gesto de integração racial, uma nota de pé de página ao Casa Grande & Senzala. Era socialmente arriscado, e ainda é, ser Vasco nos círculos mais abastados da cidade. Ao contrário do Flamengo, o Vasco não traz prestígio social. O vascaíno que quer torcer coletivamente é obrigado a se misturar ao povo, não a uma idéia de povo. Curiosamente, o Vasco tem uma imensa torcida mas lhe falta a alma coletiva, o instinto de conjunto. Nunca foi percebido como um time de massa. Vascaínos podem ser milhões, mas acabam sendo contados um a um.

E se o Vasco é a casa-grande e senzala, o Flamengo é o prédio burguês brasileiro, com elevador social e de serviço. Algumas pessoas usam os dois, mas quase sempre o rubro-negro que toma um desconhece o outro. O flamenguista é seguro de si, não tanto por saber quanto vale, mas porque se sente forte na multidão. Ele nunca está só (mesmo quando está), a idéia do indivíduo lhe é estranha. O fato de pertencer ao clube mais querido do Brasil lhe dá certezas. O torcedor rubro-negro é poderoso como um americano. Como um Jefferson, acredita na idéia do destino manifesto. Vencerá no fim, não importa a qualidade das circunstâncias, pois a camisa lhe será suficiente. É um otimista de pensamento mágico.

O Botafogo é o contrário. Somos céticos de alma trágica. Carregamos para o campo nossa condição de mortais com consciência. Um filósofo alvinegro escreveu que a vida não termina bem — termina com gol do adversário, por assim dizer —, e essa é “uma verdade que somos incapazes de admitir, mas também, e infelizmente, muito capazes de entender”. Não é outra a natureza da tragédia. Já a definiram como uma aliança entre o necessário e o impossível. Precisamente, dirá o botafoguense. Assim como é imperativo escapar da morte, também seria muito importante não perder em casa para o Goiás. Entretanto, o imperativo é impossível, e o importante, pouco provável. Onde a nossa tragédia, que não deve ser confundida com prostração ou desengano. É apenas uma forma de admitir o absurdo da nossa condição, de olhar no olho do irremediável e não piscar.

Enquanto todos os outros torcedores vão ao jogo de futebol para escapar da vida, nós, botafoguenses, vamos ao estádio para entendê-la melhor. Compreendemos — e aceitamos — o caráter inapelável da realidade. Em outras circunstâncias, o time poderia ser melhor, claro, mas não hoje, neste momento, com estes jogadores, contra este

adversário. Nessas horas sem volta, os não-botafoguenses sucumbem à ilusão de outras possibilidades, como um rebanho de fiéis pendurado na promessa de outras vidas. Nós, não.

É claro que nada disso é assim fácil. O sujeito pode trazer um filme de Frank Capra na alma, mas ponha-o dentro do Caio Martins e nele se instalará um Bergman. Já vi homens crescidos, advogados de causas imensas, financistas supremos agarrarem as mãos no alambrado e tremerem feito crianças assustadas. Já vi poderosos estragarem seus bons sapatos na lama que se acumula perto do gol, na esperança de cochichar para a zaga conselhos exasperados de última hora. Já vi derrotados catatônicos em ternos ensopados, a chuva escorrendo nos seus queixos fortes, esquecidos de que no dia seguinte seriam chamados a decidir sobre taxas de juro e reformas constitucionais. Há pouco tempo, na saída do estádio, num dia em que vencemos ao nosso modo, desesperadamente, um homem de olhos injetados gritava: “Ninguém sofre mais do que eu! Ninguém sofre mais do eu!”.

Cada time tem seus usos. Ministros de Estado, capitães de indústria e generais-de-brigada fariam bem em ser um pouco Botafogo. Mais cedo do que tarde, descobririam que os planos são instáveis, que as certezas são poucas e, principalmente, que o mundo não lhes obedece. Já o sujeito que acaba de ser abandonado pela mulher sofrerá menos se for Flamengo.

Do ponto de vista da profilaxia da alma, me parece que o ceticismo botafoguense é superior à convicção flamenguista. Se não por outra razão, ao menos por esta: cedo ou tarde todo mundo terminará enfrentando seu momento fatal. Quem sabe não estaremos mais preparados? Ao longo dos tempos aprendemos a vencer — sabemos como é isso —, mas jamais nos iludimos quanto à fugacidade dos bons momentos, pelo contrário. A lógica do pior nos ensinou que, mais dia, menos dia, a vaca voltará para o brejo, como de fato volta, apesar do que dizem os padres e os pastores. Nessa hora será útil ter abandonado toda metafísica nas tardes/noites do Caio Martins. Em dias de derrota, apenas trincamos os dentes, encaramos o abismo e não arredamos pé. É sempre um ensaio para o futuro.

ANEXO II:

QUAL É O JOGO?

Por Márcio Guerra

O torcedor carioca (flamenguista) foi convocado para a partida do Flamengo diante do Cruzeiro, válida pela final da Copa do Brasil 2003 como se fosse para uma guerra. Depositaram nele, torcedor, a responsabilidade pelo que poderia acontecer ao time neste primeiro dia de duelo. Cornetas, balões, faixas e tudo o que podia ser instrumento de possível pressão contra o Cruzeiro foi disponibilizado pela direção do clube rubro-negro. Chegou o domingo, a torcida fez a sua parte. Em campo, resultado de 1 a1. O que aconteceu foi um contraste: a atuação da galera flamenguista atingiu o esperado, já o time, ficou devendo.

Quem viu o jogo pela televisão(me refiro aqui à TV Globo), não teve como não perceber a superioridade técnica e tática do Cruzeiro. A narrativa televisiva foi toda cercada de cuidado para não desagradar a quem torcia para um ou outro time. Nada como um “tira-teima” para tirar do narrador a responsabilidade de dizer se foi ou não pênalti ou se a falta merecia cartão ou não. Quantas vezes não foi este o recurso para justificar ao torcedor um lance narrado? Afinal, “a imagem mostrou e comprovou” esclarecem os comentaristas, inclusive os que estão escalados para falar da arbitragem.

O mesmo jogo, na Rádio Globo Rio, parecia uma outra partida. Aqui, todos os cartões amarelos para o Cruzeiro eram justos e merecidos. O Flamengo, que foi dominado o jogo inteiro (isto não foi admitido na transmissão), ao fazer um gol aos 48 minutos do segundo tempo, foi chamado por aqueles que transmitiam a partida pela rádio, como o time “com sorte de campeão”, o que presumia a conquista futura do título. Quem insinuava que o time carioca jogou retrancado era logo rechaçado e perdia a fala. A história da partida era outra.

Dia seguinte, manchete do Jornal dos Sports: “Fla Herói”. No jornal O Lance a primeira página anunciava um Flamengo que, francamente, não esteve em campo na véspera. Já o jornal O Globo estampou em seu caderno de esportes: “Torcida: 10. Time: 5”. O jornal Estado de Minas falava: “Cruzeiro conquista empate e aumenta vantagem”. Meios de comunicação que estavam no local da partida e que retrataram o resultado e o desempenho dos finalistas de forma completamente diferente. Contaram histórias que nem sempre coincidiam com o que o torcedor viu fazendo com que, de acordo com seu grau de envolvimento, concordasse ou não com o que estava sendo retratado.

Três dias depois, Cruzeiro e Flamengo estavam novamente em campo. Agora em Belo Horizonte e para a partida que realmente apontaria o campeão. Em 15 minutos do primeiro tempo o clube mineiro vencia por 3 a 0 e parecia que aplicaria uma goleada histórica. No segundo tempo o Flamengo ainda fez seu gol, mas o título já estava nas mãos do Cruzeiro. A narração da TV Globo, a cargo de Galvão Bueno, ficou dividida em passar a realidade da superioridade em campo do Cruzeiro e não perder a audiência dos

flamenguistas. Não foram poucas às vezes que o narrador alimentava a esperança de uma possível reação. E quando ela já não parecia mais real, o discurso passou a ser a de que o “time pelo menos foi valente”.

A Rádio Globo Rio optou por outra estratégia para consolar os torcedores cariocas. Disseram que o problema tinha sido o primeiro jogo, quando o time perdeu a chance de conseguir uma boa vantagem e mais, anunciava que tudo poderia mudar com uma boa vitória sobre o Vasco, no domingo. Apenas como detalhe, o clássico seria por outra competição, mas quem não é muito ligado ao futebol poderia ter a certeza de que não passava de uma sequência de jogos.

E os jornais? Bem, o Lance, seguindo uma conduta editorial desde o seu lançamento, optou por dar manchete para outro clube carioca e reduziu o espaço na primeira página para a final. O Jornal dos Sports surpreendeu a todos. Estampou em sua manchete o seguinte: “Valeu pela garra”. Ora, tudo o que o torcedor queria era o título. Como ele não veio, o jornal optou pelo consolo aos flamenguistas, desconhecendo a conquista do Cruzeiro e os torcedores dos outros clubes, que torciam contra o Flamengo.

O Jornal Estado de Minas optou por tratar o resultado da decisão como se fosse algo já previsto. Só faltou estampar a manchete como os cartazes que os torcedores levavam no Mineirão com a frase: “eu já sabia”.

No momento em que se discute quais as possibilidades que o jornalismo pode seguir a partir de agora, apostando-se que o modelo atual está saturado, descrições de um mesmo acontecimento de forma tão diferente reforçam a idéia de que a narrativa é composta de um pacto e é um conjunto de vozes. Pacto este que pode se caracterizar com a angulação dada por cada veículo ao mesmo jogo, já que cada narração estava preocupada em atingir um determinado público que queria “ver o jogo” daquela forma. Há uma espécie de vínculo do narrador com o espectador, ouvinte ou leitor.

Vattimo (2001) afirma que não basta só interpretar o texto e saber a que ele se refere. A importância está no diálogo com a atualidade, afirma ele. O desafio seria descobrir o que não está dito. E no exemplo da partida entre Cruzeiro e Flamengo, com tantas versões ou abordagens diferentes, mais do que se perguntar se se viu um jogo diferente do que aquele narrado, interessante seria pensar para quem ele estava sendo narrado e quais os interesses que envolvem aquele tipo de visão da partida.

O pacto entre quem narra e quem ouve, que Paul Ricoeur (1995) chama de “produção de efeitos do real” se configura plenamente no jornalismo esportivo. Interessante observar que esta narrativa voltada para o cumprimento do pacto não tem nada a ver com parcialidade ou falta de compromisso com a verdade. Se é correta a observação do Estado de Minas de que o Cruzeiro adquiriu uma vantagem ao empatar, também não deixa de ser verdadeira a análise de que o empate aos 48 minutos do segundo tempo, foi heróico, como classifica o Jornal dos Sports.

Por que então não aceitar o tratamento do “já sabia” do Jornal Estado de Minas ou o consolo do Jornal dos Sports (“valeu pela garra”)? Quem mentiu? Quem exagerou? Qual veículo foi mais torcedor e menos profissional?

A história deste Flamengo e Cruzeiro, narrada por cada um dos 70 mil torcedores que foram ao Maracanã e os 80 mil que foram ao Mineirão, além dos milhões que viram em casa, pela tv ou pelo rádio ou ainda por aqueles que compraram os jornais no dia seguinte, certamente terá o toque pessoal e o grau de dramatização que a imaginação e interesse levar. Lembrando Walter Benjamin(1983), “o mérito da informação reduz-se ao

instante em que era nova. Vive apenas nesse instante, precisa entregar-se inteiramente a ele, e, sem perda de tempo, comprometer-se com ele. Com a narrativa é diferente: ela não se exaure. Conserva a sua força e é capaz de desdobramento mesmo depois de passado muito tempo”.

Uma semana depois, novo jogo Cruzeiro e Flamengo. O terceiro. Só que, agora, valendo pelo Campeonato Brasileiro. O que fez a mídia carioca? Qualificou a partida como “a vingança”. Tirou daí a motivação para a torcida do Flamengo, de novo, comparecer ao estádio, ouvir rádio, ver a partida na tv e consumir os jornais. As declarações de Wanderlei Luxemburgo, treinador do Cruzeiro, de que era um jogo a mais na tabela e que nenhuma relação poderia ter com a outra competição (Copa do Brasil) era minimizada e até desconhecida ou desqualificada.

É disto que trata Luiz Gonzaga Motta (2002) quando fala que “os jornalistas finalmente se convenceram que a neutralidade frente à história, esse relato de fora do real é uma pretensão inatingível”. E acrescenta que as notícias “revelam o vigor da contradição entre a objetividade e subjetividade na linguagem das notícias”. A contradição de considerar um jogo de competição distinta como “uma vingança” ou “um jogo a mais de outra disputa” não é nada mais do que o exercício desta subjetividade. O jornalismo esportivo é um espaço privilegiado nestas contradições, conflitos e imaginários.

Do ponto de vista simbólico, o futebol é uma metalinguagem que revela as relações sociais substantivas de uma determinada realidade. Metáfora notável e extraordinária das características existenciais básicas da vida humana e de nossa formação social, o futebol é um ritual forte de expressividade. Querer que a história de um jogo fosse narrada de uma forma homogênea e padronizada seria tirar sua característica principal: o inesperado. Quer melhor espaço para o desenvolvimento de narrativa monumentais? Afinal, não é este o jogo?

ANEXO III - ENTREVISTA COM O JORNALISTA MÁRCIO GUERRA

1) Na sua opinião, quais seriam os maiores vícios do jornalismo esportivo no Brasil?

O bairrismo sempre foi apontado como um mal. No entanto, dentro de uma visão do jornalismo que discute o pacto entre emissor e receptor, esta questão está sendo discutida de forma diferente. O grande problema que vejo como vício é a relação de dependência que alguns veículos ficaram sujeitos aos clubes e dirigentes, em função das dificuldades econômicas. Criou-se um "vínculo" perigoso de dependência para viagens, coberturas, que acabam interferindo no texto do repórter. Muitas vezes sinto que não está tudo dito na matéria e fica claro que está faltando alguma informação, que fica nas entrelinhas. Esta dependência interfere no conteúdo e na cobrança mais séria da gestão do clube, da conduta do treinador, dos jogadores etc.

2) A isenção é possível? Em que momento o uso da emoção deixa de ser necessário e passa a ser prejudicial?

Acho que a isenção é possível, mas muito difícil de ser praticada sob a ótica deste pacto que vejo hoje estabelecido pela mídia com seu público, a partir da segmentação. Se faço um jornal para o público carioca, dentro da ótica que o mercado exige (e não podemos mais desconhecê-lo, sob pena de inviabilizarmos o veículo), tenho que buscar motivação para este público. Não é omissão de informação, mas a valorização de uma em detrimento de outra. A escolha de uma fonte em relação a outra já quebra, dentro da hierarquia do texto, da notícia, o distanciamento que tanto já foi apregoado e que, talvez, fosse o ideal. A emoção valoriza o jornalismo esportivo, desde

que medida, sem exageros que acabem transformando a notícia em estímulo à violência e descontrole do público, que já é envolvido.

3) A cobertura jornalística atende também a interesses mercadológicos. O sensacionalismo e a parcialidade em favor dos clubes de maior torcida seria uma consequência natural desse processo?

Há um nítido interesse dos meios de comunicação, por estes aspectos mercadológicos, que acabam causando essa sensação de parcialidade para os clubes de maior apelo popular. Outro dia li uma matéria muito interessante no Estado de São Paulo que tinha como foco o pouco público nos jogos do São Caetano, apesar da boa campanha, e como é chato ver uma partida do time, pelo desinteresse que desperta. Não há rivalidade e nem mais um motivo de tanta simpatia pelo clube como quando ele começou a se projetar. É verdade. Então, quem vai merecer maior destaque e apelo são os que realmente têm mais público e que acabam refletindo em audiência.

4) O fato de estar no campo do entretenimento pode fazer com que se mascare o conteúdo informativo na cobertura esportiva?

Não. Acho que não é o caso de mascarar a informação. É um texto mais livre, mais repleto de recursos em função da emoção, da paixão que estão envolvidas. O que está em jogo é a busca constante de motivação para o consumidor da informação.

5) Por fim, quais seriam as saídas possíveis para um maior profissionalismo no setor do jornalismo esportivo? A atual conjuntura faz com que tais medidas possam ser, de fato, eficientemente postas em prática?

A saída seria a melhor remuneração dos jornalistas, melhores condições das empresas de comunicação, tirando qualquer dependência de clubes e entidades esportivas. Este me parece o problema principal.

ANEXO IV

O Jogo Bonito: Futebol e Sociedade na Inglaterra e no Brasil nos anos Cinquenta e Sessenta.

Kevin Foster.

Quando a Inglaterra derrotou a Alemanha por 1-0 no dia 17 de junho em Charleroi pela Eurocopa 2000, pareceu, pelo menos aos ingleses, que a ordem natural do futebol europeu, se não a ordem natural do mundo, finalmente, havia sido restaurada. Os meios de comunicação britânicos continuamente têm descrito competições esportivas contra a Alemanha, sobretudo as partidas de futebol, como conclusões tomadas com a intenção de reforçar as polaridades morais da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais -- e este caso não foi diferente. A eficiência mecânica das equipes alemãs que conseguiram o êxito nos anos setenta, oitenta e noventa havia substituído o fanatismo desafortunado do nazismo como o emblema da outra Alemanha. Contudo, derrotar a Alemanha no futebol significava uma volta aos dias gloriosos da temporada pós-guerra, quando, apesar da austeridade inglesa, e dos crescentes indícios de marginalização dessa nação no contexto da guerra fria, se deleitaram com a refulgência de suas reivindicações morais e militares. Ao derrotar a Alemanha no futebol, a seleção inglesa ofereceu uma fugaz e crescentemente ilusória confirmação de que Deus, indubitavelmente inglês, estava no céu, e que tudo estava em ordem no mundo.

A última vez que a Inglaterra havia derrotado a Alemanha em um campeonato importante ocorreu na final do campeonato mundial de 1966. Quando Bobby Moore, capitão da seleção inglesa com apenas vinte e cinco anos de idade, recebeu o troféu Jules Rimet de uma jovem rainha Isabel II, pareceu que no futebol, assim como na arte, na moda, na música, no cinema, inclusive na política, uma nova geração vigorosa, jovem e com estilo estava devolvendo a Inglaterra à sua legítima esfera de poder. Nas palavras de Bill Murray (o historiador, não o comico), o triunfo inglês refletiu ‘os ventos de mudança que sopravam nos anos sessenta’(Murray,1996:108). Mas o renascimento da política e da

cultura que esta imagem significou estava equivocado. O vento de mudança foi, para os ingleses, um mal vento que lhes quitou os últimos vestígios de suas pretensões de serem uma super-potência. Uma crise da libra esterlina em novembro de 1966 manifestou o grau de sua dependência econômica em relação aos Estados Unidos da América e, quando se rechaçou outra vez sua solicitação para integrar a Comunidade Econômica Européia em novembro de 1967, ficou claro que o Reino Unido não só não teria direito a se considerar uma super-potência, mas que tampouco seria uma potência européia. O caso da “Swinging Londres” significou simbolicamente o colapso da Calle Carnaby e a revelação de que um de seus símbolos de estilo e virilidade -- o 007 Sean Connery -- vestia uma peruca, além de captar um sentido de pessimismo crescente que também foi registrado na deserção de um dos artistas mais precoces da nação: David Hockney, que emigrou para Los Angeles em 1964. Quando a cabeçada de Alan Shearer deu a vitória à Inglaterra em Charleroi, outra vez a nação se deleitou e se apinhou ao redor do desvanescente esplendor do verão de 1966; mas nesta ocasião o renascimento ilusório se apagou depois de somente três dias. O pênalti no último minuto da Romênia, fez mais do que eliminar a Inglaterra do campeonato -- confirmou que seu triunfo na partida contra Alemanha não havia devolvido a Inglaterra ao lugar que ocupava entre as mais seletas nações de futebol do mundo, fato que significou, como no triunfo de 1966, uma virada breve em sua implacável trajetória decadente.

Todavia, o triunfo da Inglaterra no mundial de 1966 se estendeu como uma reiniciação do serviço normal após alguns momentos incômodos na década anterior, incluindo as derrotas para Irlanda e Estados Unidos. Murray mantém que as equipes britânicas ‘havia perdido sua maestria nos trinta’(Murray, 1994: 148). Não obstante, mudanças decisivas na estrutura de poder do futebol mundial se fizeram mais claras com a chegada da televisão. Descobriu-se o engano nas pretensões dos ingleses à condição de uma super-potência futebolística finalmente em novembro de 1953, quando ‘a equipe de ouro’ da Hungria derrotou a Inglaterra por 6-3 em Wembley, destruindo sua invencibilidade neste estádio e pondo em evidência os defeitos de seu jogo pesado e físico. Se alguém duvidara do significado do resultado, seis meses mais tarde em Belgrado os húngaros duplicaram a diferença. Aumentando a vergonha, a televisão havia chegado a todas as partes do país pouco antes da primeira partida, e a diferença de classe

entre as duas equipes era óbvia. A verdade se revelou e os supostos emperadores do futebol estavam nus. A nova ordem do mundo estava emergindo nos anos cinquenta e tanto no futebol como na política e no poder econômico e militar, a Inglaterra desceu de nível. Portanto, o ano de 1966 para os ingleses foi mais um alívio do que um triunfo.(1)

Não obstante, apesar do triunfalismo com que se recorda o campeonato na Inglaterra, o mundial de 1966 não foi uma festa do futebol. A seleção inglesa jogou durante todo o campeonato sem ponteiros; apinharam-se no meio-campo e puseram suas esperanças em incursões rápidas e jogadas de pisão que chegaram a ser efetivas, se não bonitas. Foi também um torneio de partidas brutais. A más notória foi a partida entre Inglaterra e Argentina, quando Rattín, o capitão argentino foi expulso pelo árbitro alemão, Kreitlein, por questionar continuamente suas decisões. Mas a resolução de Kreitlein foi uma exceção isolada em um torneio no qual as equipes e os jogadores mais hábeis receberam proteção insuficiente dos árbitros das partidas. Notavelmente, o campeão dos dois mundiais anteriores, o Brasil, e seu meio-campista principal, Pelé, literalmente foram arremessados a patadas do torneio. Brutalmente maltratados pelos búlgaros, contra Portugal Pelé foi submetido a um violento frenesi de chutes cada vez que pegava na bola, enquanto o árbitro inglês desejava continuar a partida. Quando Pelé se retirou mancando do campo foi seguido por seus companheiros, que foram eliminados do torneio antes das quartas-de-final. Na Inglaterra, as celebrações pela vitória amenizaram a desilusão que as táticas violentas e a debilidade dos árbitros causaram ao público inglês, ao impedi-lo de assistir ao futebol jogado pelos seus mais notáveis especialistas. A Inglaterra pode ter ganho o campeonato, mas os críticos de todo o mundo observaram que, comparado ao talento e à espontaneidade dos brasileiros, o jogo inglês parecia austero e mecânico.

Se tem discutido muito as origens deste estilo particularmente brasileiro.(2) O treinador do Brasil no mundial de 1970, João Saldanha, sustenta que é derivado de quatro fatores; o clima, a pobreza do país, a composição étnica do povo e a categoria do futebol brasileiro como uma verdadeira paixão popular. Tony Mason contesta que o estilo brasileiro se deve muito mais à popularidade do futebol no Brasil e este é um resultado do lugar e da função do futebol na sociedade. Em uma sociedade aonde ‘as pessoas progridem por causa de suas relações familiares ou por conhecerem alguém influente,

inclusive com o presidente', o futebol é um resquício da democracia. No futebol, 'a grandeza ou a decadência do homem dependem exclusivamente de sua competência e não de suas relações pessoais'(Mason, 1995:123). A popularidade enorme que é dada ao jogo no Brasil, sustenta Mason, influenciou diretamente no estilo do jogo. Das primeiras décadas do século XX, quando negros, mulatos e pobres tomaram controle do jogo no Brasil, no campo, pelo menos, se desenvolveu uma reputação de 'espontaneidade' e 'surrealismo', especialmente quando comparada ao jogo físico e organizado dos europeus. A importância da espontaneidade e da improvisação representa a característica distinta do jogo brasileiro, a insistência no estilo não como um meio para a vitória, mas como um objetivo em si mesmo. Sob esta perspectiva, se converte em uma obra-de-arte, continuamente em via de reconstrução. Roberto De Matta explica a oposição entre o futebol brasileiro e outras maneiras de jogar em sua distinção entre esportes e jogos. Para os brasileiros, ele sustenta, o futebol não é um esporte, como é para os ingleses e para os norte-americanos, mas um jogo. O futebol no Brasil, De matta afirma, 'nasce como um joguinho, se joga com uma bola, e mais tarde não se abandona o jogo, porém ele passa a ser associado à destreza'(citado em Mason, 1995: 124). Os principais jogadores brasileiros das últimas seis décadas, Leônidas, Ademir, Jair, Zizinho, Garrincha, Didi -- e, sobretudo, Pelé, têm sido aqueles para quem o futebol foi um jogo e não um esporte, e para quem o estilo e não a vitória eram o valor supremo -- e ninguém brilhou mais a este respeito do que Pelé.

Até sua chegada espetacular ao futebol internacional com dezessete anos de idade no mundial de 1958 na Suécia, Pelé não somente renovou a apreciação popular por um estilo individualista, mas também pelo seu enfoque dionisíaco do jogo, além da riqueza e da reputação que este lhe deu. Pelé parecia encarnar uma sociedade muito mais aberta e igualitária do que a ordem inglesa calcificada do pós-guerra. Sobre isto, Bill Murray sustenta bem recentemente, em 1994, que 'quase sem ajuda, Pelé acabou com o racismo que existia entre as autoridades brasileiras do futebol'(Murray, 1994: 135). Pouco depois de voltar da Suécia, Pelé completou dezoito anos e foi chamado para cumprir o serviço militar. Ao invés de utilizar-se da fama para fugir às suas responsabilidades, como haviam feito tantos filhos da elite brasileira, Pelé se apresentou em Santos para alistar-se no sexto grupo de artilharia motorizada. Pelos próximos doze meses, ele foi um soldado

modelo que desfilava, fazia instrução com fuzil e descascava batatas com os outros recrutas e ainda teve tempo para jogar em mais de cem partidas pelo Santos e pelas seleções brasileira e militar. Pelé foi uma bênção dos céus para os militares, cujos publicistas, com o desejo de promover os ideais do serviço militar e, desta forma, a imagem da ditadura, puseram-no nos quartéis para recrutar soldados, além de lhe concederem o título de cidadão-modelo. Agora, Pelé havia se tornado o jogador mais desejado do mundo futebolístico. O Real Madrid, o Juventus e o Internazionale de Milão lhe ofereceram somas astronômicas pelo seu passe, mas Pelé rechaçou cada oferta, sedimentando seu futuro no Santos. Em 1960, o congresso designou-o como um ‘tesouro não-exportável’ em moção aprovada por unanimidade e incluída no Diário Oficial (citado por Murray, 1996:120). No mesmo ano, o Instituto Brasileiro do Café nomeou-lhe seu representante internacional - o emblemático produto de exportação nacional promovido como a preferida e mais conhecida identidade nacional. Seu casamento com Rosemary Cholbi, uma mulher branca, em 1965, estabeleceu ainda mais o status de Pelé não apenas como ícone esportivo, mas também como ícone social e político. Segundo Robert Levine: ‘a publicidade dada ao matrimônio interracial enfatizou sua significância: antes deste casamento, os matrimônios interraciais entre a elite não eram nada comuns, e quase nunca entre uma mulher branca e um homem negro. Finalmente um negro pobre poderia ascender a um nível social mais alto e manter a sua identidade negra; inclusive poderia anunciá-la a todo o mundo’(Levine, 1980i: 244). O governo e os meios de comunicação brasileiros lhe promoveram como a prova e a aprovação da já famosa democracia racial brasileira. Isto, como nota Levine, deu a Pelé um significado potencialmente explosivo no sentido de que era o primeiro brasileiro não-branco celebrado como um símbolo e uma fonte de orgulho nacional, não apesar da cor de sua pele, mas por seus próprios méritos.(Levine, 1980ii: 460). Não obstante, Pelé tentou diminuir a importância de seu significado ao evitar ‘qualquer sugestão de que os negros ou os pobres deveriam aspirar a obter o êxito que ele havia conseguido por eles’(Levine, 1980ii: 461). Sempre um consumado jogador de equipe, Pelé respeitava a autoridade e era instintivamente patriótico, e sua vida profissional e privada como jogador de futebol e cidadão brasileiro encarnavam os valores do ‘trabalho em equipe e as virtudes da hierarquia’ promovidas pelos chefes militares da nação (Levine, 1980i: 244-5).

Pelé era um êxito comercial, além de ser um fenômeno social e político, ‘o sonho dos publicitários’, cuja carreira em meados dos anos sessenta, argumenta Levine, foi ‘programada de modo cuidadoso pelos publicitários’(Levine, 1980i: 244). Ele promoveu uma galáxia de produtos: refrigerante, medicamentos, barbeadores, chuteiras de futebol, produtos financeiros, petróleo, até creme dental tchecoslovaco. Em 1970, um investigador cuidadoso resumiu que ele havia aparecido 54 vezes na televisão brasileira em um só dia. Em sua ubiqüidade, Pelé modificou a paisagem do marketing brasileiro, convertendo-se no ‘primeiro negro a integrar uma indústria publicitária que antes havia representado os negros como *sambos* e os consumidores como nórdicos’(Levine, 1980i: 244). Apesar de seu acesso vertiginoso à riqueza e à aclamação de todo o mundo, Pelé continuou sendo um homem afável e humilde, foco para o carinho nacional e um modelo de suas virtudes mais altas, além de patrono dos valores morais e sociais do país; nas palavras de Aldemar Martins, ele era ‘o filho bom, o amigo leal, o ídolo paciente’(Martins, 1966: 78). Mais importante ainda, talvez, Pelé chegou a ser um símbolo muito poderoso para os brasileiros e para todo o mundo de que a meritocracia atlética do Brasil era sã e funcionava. Deste modo, o “recurso nacional” se converteu em uma ‘figura nacional’, menos brasileiro e cada vez mais um ideal de Brasil mesmo (Levine, 1980i: 244).

No Reino Unido e na Europa, a ascensão à fama de Pelé não foi menos imediata e sua aclamação não foi menos universal. Contudo, a princípio os meios de comunicação europeus, sem saber nada de Pelé, tiveram dificuldades em descrever seus talentos únicos e recorreram a uma gama de exotismos familiares, quando não condencendentes. Em ‘o húmido calor da selva’ da final da Copa do Mundo (em Estocolmo), Pelé apareceu como ‘uma sombra oscilante de relâmpago negro fazendo malabarismos com a bola como uma estrela de circo’, que, ‘saltando como um felino selvagem’, marcou o último gol na vitória de 5-2 do Brasil sobre a equipe anfitriã (Lorenzo, 1958: 8). Segundo o correspondente do *The Times*, Pelé era ‘uma pantera negra’, um dos ‘esportistas escuros de um continente distante’ cuja combinação de athleticidade nativa e técnica impecável ficaram gravados e pulverizaram seus oponentes (Cameron, 1990:64). Todavia, ficou evidente que não se podia descrever ou classificar Pelé dentro do conveniente ‘atletismo negro’ quando se multiplicaram as reportagens sobre o seu talento fenomenal, quando

saíram os detalhes de sua carreira extraordinária no Santos, quando se proliferaram perfis e quando se viu por todo o mundo seqüências filmadas de suas atuações pelo Brasil. Pelé era um fenômeno social e esportivo e fazia falta inventar uma língua em sua homenagem. O perfil internacional sem precedência de Pelé, lançado na Copa do Mundo da Suécia, foi mantido por giros infatigáveis da seleção brasileira e seu clube Santos que entre 1958 e 1961 empreenderam três giros extensivos pela Europa, onde jogaram cinquenta e seis partidas em dez países (Cameron, 1990: 786-8). Em 1961, na Itália, depois de uma atuação destacada em Turim, o jornal esportivo italiano *Tuttosport* titulou seu artigo sobre a partida: ‘Pelé vence Juventus por 2-0’(Cameron,1990: 106). A presença aparentemente constante de Pelé e sua atuação constantemente extraordinária foi muito mais do que um exemplo para seu clube e seu país; chegou a ser a cara do próprio futebol. Em janeiro de 1961, a nova revista britânica *World Soccer* se apresentou ao mundo com uma foto de Pelé estampada em sua primeira capa: “Se têm escrito mais palavras sobre Pelé do que sobre qualquer outro jogador sul-americano de categoria mundial, e é Pelé quem se vê na capa...”(Cameron, 1990: 112). Dois anos mais tarde, às vésperas do giro brasileiro pela França, a fama de Pelé era tal que o jornal francês de futebol *Miroir du Football* cobriu a capa de maio de 1963 com o seu rosto sem identificá-lo pelo nome(Cameron, 1990: 170). Enquanto estava na Itália, o *Corriere dello Sport* deu as boas-vindas a Pelé em Milão com um carinhoso desenho em carvão do mestre em ação e um simples título: ‘O Rei em S.Siro’(Cameron, 1990: 179). Para os meios de comunicação ingleses, Pelé não apenas aproveitou, mas também trouxe uma recordação dolorosa do que faltava no jogo nacional e do quanto havia declinado o domínio britânico anterior:

Pelé, o diamante negro, o melhor jogador de futebol do mundo, fez 23 anos. E isto, quando pensado, é talvez a estatística mais deslumbrante em uma carreira fabulosa. Significa que o destruidor letal moreno que havia destronado todos os outros ídolos do futebol no imaginário dos aficcionados mundiais não havia ainda chegado ao seu auge pessoal... ninguém pode prever o potencial de Pelé. Pelo que sabemos no Reino Unido, a pátria do futebol, não temos ninguém que possa competir com ele, inclusive não há ninguém que possamos comparar ao ágil peso meio-médio negro (McGhee, 1962).

Pelé era um novo fenômeno para uma nova época e, junto com Muhammad Ali, o papa e Neil Armstrong, era uma das verdadeiras figuras mundiais em uma época de emergente comunicação global. A televisão não fez mais do que consolidar e difundir o que se havia estabelecido com um número sem fim de apresentações pessoais em um aplaudir contínuo da imprensa mundial. Os avanços tecnológicos na transmissão e nos satélites significaram que a Copa do Mundo do México em 1970 foi a primeira, e de modo irônico a última oportunidade de Pelé brilhar em um cenário mundial, depois que feriu-se no Chile em 1962, e que sua temporária saída e da seleção brasileira na Inglaterra em 1966 privaram o público mundial de vê-lo viver e trabalhar. Suas atuações extraordinárias durante o torneio, junto com seu papel dominante na final contra a Itália, uma partida que Brian Granville não sem razão chamava ‘apoteose’ de Pelé, confirmaram seu status como o privilegiado jogador mundial e sua figura foi gravada indelevelmente na imaginação global (Granville, 1984:183). Sua cabeçada famosa contra a Inglaterra em Guadalajara, milagrosamente salva por Gordon Banks; sua cabeçada na final que resultou em um gol, (“Saltamos juntos,” disse Burgnich, o defensor italiano que o marcou, “mas quando desci ao chão percebi que Pelé ainda flutuava no ar”), e o quarto gol do Brasil marcado por Carlos Alberto depois de um passe ágil de Pelé são imagens familiares por todo o mundo - entre as primeiras recordações folclóricas da aldeia global (Galeano, 1997:135).

Porém as primeira representações de Pelé, e o entusiasmo com que aproveitaram para mostrar à Inglaterra muito mais as condições sociais da própria Inglaterra, seu futebol, e seus defeitos notados nas décadas de cinquenta e sessenta do que o estado verdadeiro do esporte e da sociedade no Brasil. Antes da recuperação e do aumento fenomenal da popularidade do futebol inglês em noventa, o último período de crescimento do esporte sustentado na popularidade pública ocorreu entre 1945 e 1949. O renascimento espetacular do futebol inglês nos primeiros cinco anos da década de noventa tem suas origens nos desastres que mancharam a imagem do esporte e do país inteiro durante os anos oitenta: os incidentes no estádio Heysel em Bruxelas em 1985, que levaram à expulsão por parte da UEFA das equipes inglesas de competições européias por cinco anos, o incêndio em Bradford em 1986, e mais recentemente o desastre de Hillsborough. O informe de Lord Justice Taylor sobre os acontecimentos no

estádio Hillsborough de Sheffield Wednesday em 15 de abril de 1989, quando 95 aficionados pelo Liverpool morreram pisoteados, propôs várias recomendações cujo objetivo foi o de melhorar a segurança pública nos campos de futebol ingleses.(4) Sobretudo, Taylor recomendou o fechamento eventual das arquibancadas (aonde as pessoas estavam de pé) nos estádios nacionais, com o fechamento das arquibancadas nos campos das duas divisões mais altas para maio de 1994. Havia uma virada radical no espaço demográfico do esporte, que resultou em uma mudança no seu perfil econômico, devido a melhorias gerais das condições de higiene e comodidade do espectador, junto à renovação inteira da administração do futebol da primeira divisão. Campos menores com assentos resultaram no aumento dos preços dos ingressos, que levaram a uma mudança no tipo de espectador, com ingressos mais caros, e os clubes puderam apresentar um novo grupo de patrocinadores, (já não mais a cervejaria local apenas, mas sim, uma companhia multinacional da ‘nova economia,’) que negociava entretenimentos, produtos eletrônicos ou telecomunicações, e com um grande desejo de se promover internacionalmente através do alcance cada vez mais global do futebol inglês. O perfil global mais destacado do esporte foi o resultado de uma revolução nos acordos sobre os direitos televisivos entre os clubes e as empresas televisivas. Os ingressos da televisão se dividiam tradicionalmente entre os 92 clubes com a intenção simbólica de redistribuir o poder e as riquezas: de fato, os clubes maiores e mais ricos subvencionaram seus primos mais pobres das divisões menores. A crescente insatisfação com este sistema e a distribuição de ingressos levaram à renegociação do contrato com a BBC e ITV em 1988 que deu aos chamados cinco grandes clubes(Manchester United, Liverpool, Everton, Tottenham Hotspur e Arsenal) uma porcentagem maior dos ingressos mas, ao mesmo tempo, mantiveram uma corda de salvação para os clubes das divisões menores. Segundo o informe Taylor, a Associação de Futebol começou a tirar proveito do crescente potencial comercial através da criação em 1991 da Premier League (que consiste das primeiras equipes da Primeira Divisão anterior) que negociou um novo acordo lucrativo sobre os direitos televisivos. O que antes foi um dueto cavalheiresco entre ITV e a BBC, a briga pelos direitos televisivos de repente se converteu em uma peleja sem precedentes entre as empresas terrestres desesperadas para manter o controle prestigioso sobre os eventos esportivos mais importantes, a Copa Européia e a Copa Fa, e as novas companhias por satélite e a cabo

que agressivamente tentaram ganhar terreno para alcançar uma porção maior do mercado. Em 1991, BSkyB de Rupert Murdoch pagou trezentos e quatro milhões de libras por um contrato exclusivo de cinco anos para televisionar o futebol da Premier League. Em 1996, BSkyB negociou um novo contrato de quatro anos que valia seiscentos e setenta milhões de libras, e em meados do ano 2000, pagou 1.1 bilhões de libras por um acordo de três anos que incluía os direitos de televisionar ao vivo sessenta e seis partidas da Premier League por temporada. Segundo Simon Lee, para os clubes da Premier League, a entrada sem precedentes de dinheiro marcou o começo de um 'ciclo virtuoso no qual o incremento de ingressos se convertiam em melhores jogadores que atraíam um público maior em estádios reformados exclusivamente com bancos e muito menores. A crescente demanda para entradas tornou possível um aumento de preços, ganhando assim benefícios altos para os acionistas' (Lee,1998:36). Não nos surpreende que em meados dos anos noventa os clubes mais ricos nunca haviam vivido um momento tão bom, enquanto que para os clubes das divisões menores as condições nunca foram tão pobres.(5)

Como era diferente a situação ao final dos anos quarenta! Como observa James Walvin ao comentar sobre a renovada popularidade do esporte no pós-guerra: 'É fácil ver porque o esporte parecia tão atraente...como a nação fez todo o possível para não deixar-se impressionar pela austeridade e pela monotonia da guerra e para voltar aos prazeres e passatempos de tempos mais pacíficos'(Walvin,1986:12). Na temporada de futebol de 1948-1949, mais de quarenta e nove milhões de pessoas passaram pelos molinetes (torniquetes) para ver as partidas da primeira divisão. Não obstante, deste ponto máximo o número de espectadores diminuía constantemente até a temporada de 1960-1961, quando o número de espectadores baixou para menos de vinte e nove milhões, uma baixa de mais de trinta por cento em pouco mais de uma década. Walvin sustenta que estas cifras declinantes manifestaram 'uma mudança nos passatempos do público'(Walvin,1986:12).

Todavia, não se pode explicar o declive na popularidade do futebol nos anos cinquenta e sessenta somente por fatores exteriores ao esporte. O produto mesmo, sua direção, administração e o contexto físico e social aonde entretinha e triunfava contribuíram para a fortuna decadente do futebol inglês. A maior parte das associações

inglesas de futebol, além das estruturas de direção e projetos arquitetônicos, foram fundados entre 1880 e 1914. As principais outras instituições sociais fundadas durante a mesma época, as indústrias, as igrejas, os cinemas, as moradias públicas e particulares, todas aguentaram as mudanças de massa durante a primeira metade do século XX: durante os anos cinquenta as associações de futebol profissional inglês haviam acabado de mudar desde as épocas vitoriana e eduardiana. Mas não só os campos com suas condições medievais e os edifícios perigosos que se atolaram no século XIX; o enfoque dos empregadores sobre as relações profissionais e as condições de trabalho de seus empregados também eram próprios do passado. ‘Em nenhuma parte da vida profissional moderna, até o fim do século XIX’, afirma Steve Redhead, ‘tem existido mais paternalismo sustentado do que na empresa de futebol’ (Redhead, 1987:64).

Em uma época na qual ‘as rupturas da guerra têm fortalecido a solidariedade e a consciência da classe operária’, trazendo melhorias significativas em sua ‘posição social e seu poder de negociação’, os salários e as condições dos jogadores de futebol profissionais, apesar da popularidade do esporte, pareciam mesquinhos e exploradores (Marwick, 1990:38). As condições pareciam haver piorado desde a década anterior quando Jimeny Guthrie, o secretário geral do sindicato dos jogadores de futebol profissional (PFU) criou o termo ‘escravo do soccer’ para descrever a falta de poder dos jogadores. Esta falta de poder se fez solene nos dois princípios fundamentais do sistema de emprego, ‘a retenção e a transferência’, e o salário máximo. Por estes princípios, os empregadores impuseram sua autoridade aos jogadores, e fortaleceram o status dos jogadores como recursos exportáveis e renováveis. Porém, este tratamento dado aos jogadores exerceu uma influência profunda no campo. Como a iniciativa entre os jogadores era algo não desejado e nocivo fora do campo, assim o talento e a arte se ressentiram no campo de jogo, e foram excluídos do jogo inglês, sendo substituídos pelas virtudes do trabalho em equipe e pela obediência estratégica. No campo de jogo esta oposição entre talentosos inconformados e bonecos obedientes encarnava, nas palavras de Julie Burchill, a tensão entre os ‘os artistas’ e ‘os artesãos’: a decadência do jogo local, sustenta, se media na expulsão dos primeiros e no crescente domínio dos últimos. Se a democracia do jogo brasileiro sustentava sua popularidade e lhe dava estilo e brio, assim não é difícil traçar uma relação direta entre o paternalismo da direção do futebol e os

empregadores na Inglaterra e o jogo pesado no campo: se os jogadores são tratados como escravos, jogarão como escravos. De modo irônico, embora os brasileiros tivessem uma história arraigada na escravidão, o campo de futebol se tornou uma plataforma para a desafiante e feliz expressão da igualdade e da liberdade dos oprimidos. Contudo, para os britânicos, a experiência do futebol desde a sala de reuniões aos próprios campos reforçou as divisões estabelecidas de classe social que tanto marcavam a sociedade britânica. O campo de futebol em si não proporcionou um escape à submissão do povo comum, mas sim representou um emblema e uma experiência inescapável do mesmo.

Está aqui o problema da reputação do futebol na Inglaterra. Com sua ênfase no dever antes do prazer e no bem comum que este deveria usar, mas nunca veste, o futebol nos anos cinquenta era demasiado parecido com a vida normal, uma recordação deprimente das realidades desagradáveis da política classista na Inglaterra. A segunda guerra mundial havia ‘derrubado as barreiras entre as classes’, mas a experiência particular confirmou o que os informes estatísticos e sociais revelaram: apesar dos sacrifícios da guerra, os apuros comuns da austeridade e a abundância crescente do pós-guerra, a estrutura fundamental do sistema de classes e as desvantagens da vida da classe operária ficaram iguais (Marwick, 1990:38). E em nenhuma parte era mais clara a persistência destas desigualdades estruturais do que nas arquibancadas, nas tribunas e nos campos da liga de futebol do país. Enquanto se evitava a hipotermia e se iludia a chuva, o espectador nas arquibancadas muitas vezes tinha um panorama melhor das classes médias, sentadas em uma relativa comodidade nas tribunas acima e ao redor dele, que sua vista no jogo do campo aonde os jogadores tentavam realizar as ordens de seus empregadores, sentados no balcão dos diretores. Para tanto, como disse James Walvin: ‘o futebol, evidentemente, era político no sentido mais amplo’ (Walvin, 1986: 109). Isto explica porque o jogo foi adotado entusiasticamente nas escolas nas primeiras décadas do século XX na Inglaterra. O jogo ‘assegurou, entre as gerações sucessivas de jovens da classe operária uma aceitação dos códigos de conduta’ que impuseram ‘a disciplina requerida dos operários’ (Walvin, 1986: 110). Assim que se pode relacionar o declínio na popularidade do futebol inglês nos anos cinquenta com um crescente reconhecimento da condição do futebol como um símbolo da desmoralização e do fracasso por parte da classe operária de realizar alguns melhoramentos em sua posição social, apesar de todos

os sacrifícios da Segunda Guerra Mundial. Em uma época na qual as novas oportunidades educativas e a nova abundância empurravam as barreiras entre as classes, o futebol era um presente e um cenário ocasional das desigualdades de classe.

Foi neste contexto que Pelé, e de modo mais geral o futebol brasileiro, assumiram uma importância nos esportes e na sociedade inglesa pela décadas de cinquenta e sessenta. Quando os jogadores negros na Inglaterra, nas palavras de Walvin, se viam como ‘raros e exóticos’ nos campos de futebol dos ingleses e quando apareceram, como alvos dos contínuos insultos racistas, o êxito de Pelé, sua riqueza e sua reputação mundial constituíram uma condenação eloqüente contra as desigualdades de classe e de raça, e contra a arrogância vitoriana que frustravam o desenvolvimento do esporte e da sociedade inglesa.

Estas representações de Pelé e do futebol brasileiro poderiam parecer (e em alguns aspectos fundamentais eram) fantásticas e ingênuas. Mas é muito importante que se reconheça que os objetivos precisos destas representações são menos importantes do que sua função. Em 1516, quando Thomás Moro escreveu uma relação de uma república ideal em torno do litoral do Novo Mundo, sua Utopia não teve a intenção de oferecer um retrato objetivo de uma sociedade verdadeira. Utopia (1516) foi um meio para que Moro pudesse criticar os defeitos de sua própria sociedade. Por isso, Moro inventou a utopia que os fracassos de sua própria sociedade demandavam. Do mesmo modo, nos anos cinquenta e sessenta o futebol inglês, através do meio de comunicação e dos afeccionados, inventou Pelé e o Brasil de que necessitava para criticar as debilidades de seu jogo e os preconceitos de classe e de raça que prejudicaram seu progresso e impediram o desenvolvimento social mais amplo. As representações inglesas de Pelé e do futebol brasileiro são parte de uma longa tradição de respostas européias do Novo Mundo, sobretudo para solucionar os problemas do Velho Mundo e para facilitar seu redescobrimento e renovação contínuos. Pelé e o futebol brasileiro, por isso encarnaram um protesto indiferente contra as limitações sufocantes da sociedade inglesa na década de cinquenta e na primeira metade dos anos sessenta. Se nos Estados Unidos Jack Kerouac protestou contra as ortodoxias da mesma época viajando, bebendo e escrevendo, parecia que os ingleses fizeram seu protesto contra o ritmo lento da mudança ficando de pé embaixo da chuva, enquanto assistiam ao futebol e sonhavam com Pelé.

Notas

1. Janet Lever, que trabalhava no Reino Unido durante as finais da Copa do Mundo de 1966, notou como ‘o recorde (da seleção nacional) foi uma luz brilhante do Reino Unido durante uma época marcada pela contínua perda do poder mundial e uma economia em crise’(Lever, 1983: ix).
2. Para um tratamento mais detalhado ver Mason, 1996, and Thompson, 1998.
3. Para mais informações sobre a experiência de Pelé no exército ver Pelé, 1976: 115-8.
4. Ver Taylor, 1990.
5. Para mais sobre este tema ver Corry, 1993.

Kevin Foster ensina literatura inglesa na Monash University, em Melbourne, Austrália. É autor de numerosos artigos sobre a construção cultural dos conflitos de Falklands e do Golfo, e tem publicado artigos sobre George Orwell, a ficção africana, e a cultura popular da Austrália. É também o autor de *Fighting Fictions: War, Narrative and National Identity* (Londres: Pluto, 1999). Atualmente, ele está escrevendo um livro sobre as representações britânicas das Américas Espanhola e Portuguesa.